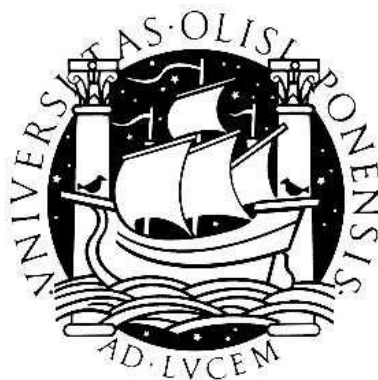


UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



***(Des)Complexificando* os Estilos Parentais – com
Pais Casados e Pais Divorciados/Separados**

Maria Inês Marques Gomes

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



(Des)Complexificando os Estilos Parentais – com
Pais Casados e Pais Divorciados/Separados

Maria Inês Marques Gomes

Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2010

Agradecimentos

*À minha orientadora, Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro,
pelo conforto das palavras, pelo entusiasmo, pela paciência, calor e disponibilidade,
por acreditar e confiar;*

*À Professora Doutora Ana Sousa Ferreira,
pela sua disponibilidade e ajuda na análise estatística;*

*À minha prima, Paula,
por todas as construções e conversas em que partilhámos o gosto e a magia da
investigação em Psicologia.*

*Aos meus pais e à minha irmã, insubstituíveis,
pelo colo e amor incondicional, por estarem ao lado de cada passo;*

*À Filipa,
pela amizade nos dias difíceis, pelo abraço em cada dúvida, por todas as
gargalhadas e brincadeiras que tornaram tudo mais simples;*

*Às amigas sistémicas, em especial à Francisca, Sofia, Raquel, Sara, Sarah e
Marlene, por todos os momentos que fizeram parte desta nossa última caminhada,
por todas as partilhas, forças e hesitações;*

*Aos amigos,
por acreditarem todos os dias;*

*Ao Bernardo,
por saber sempre que sou capaz.*

Resumo

A presente investigação pretende estudar e compreender as relações entre os estilos parentais (da percepção de estilos parentais do *próprio* e da percepção dos estilos parentais do *outro*) e algumas variáveis sócio-demográficas (sexo, nível de escolaridade, estado civil), bem como estudar e compreender as possíveis semelhanças e diferenças nos estilos parentais (do *próprio* e da percepção do *outro*) em famílias com pais casados e em famílias com pais separados ou divorciados, analisando também a influência de algumas variáveis sócio-demográficas (e.g. tempo de casamento, tempo de divórcio/separação, número de filhos, agregado familiar) nessa análise comparativa. Foi aplicada uma versão reduzida do *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais* (QDEP) (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001) a uma amostra de 60 pais, incluindo 30 pais casados e 30 pais divorciados/separados, com filhos em idade escolar. Os resultados do estudo demonstram-nos que as variáveis sócio-demográficas, nomeadamente o sexo, o nível de escolaridade e o estado civil, exercem influência nos estilos parentais adoptados pelos pais, ainda que nos pais casados não se tenham demonstrado diferenças. Quanto aos pais divorciados, verificou-se ainda a influência do tempo de divórcio/separação, do número de filhos e do agregado familiar nos estilos parentais (percepção do *próprio* e do *outro*). Como principal diferença, apontamos o facto de os pais divorciados/separados demonstrarem uma menor concordância inter-parental nos estilos parentais, na percepção de si próprios e do outro, em relação aos pais casados. Como principal semelhança apontamos o bom envolvimento na parentalidade, marcado por um estilo maioritariamente autoritativo de pais casados e de pais divorciados/separados.

Palavras-chave: Parentalidade, Estilos Parentais, Variáveis Sócio-demográficas, Pais Casados, Pais Divorciados/Separados.

Abstract

The present study aimed to explore and comprehend the linkages between parenting styles (self-perception vs. perception of other's parenting styles) and relevant socio-demographic variables (e.g. gender, educational background and marital status). A secondary goal of this study was also to compare the parenting styles of families with married couples with their divorced counterparts, by analysing the similarities and differences between both family types in terms of their socio-demographic characteristics (e.g. length of marriage, length of time spent since the divorce / split up, number of children, household). In order to evaluate the parenting style of the individuals, the short-version of *The Parenting Styles and Dimensions Questionnaire* (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001) was applied to a total sample of 60 parents, comprised of 30 married couples and 30 divorced individuals. The findings of this study demonstrate that several socio-demographic variables, namely, gender, educational background and marital status may have a potential impact on the parenting style adopted by an individual. These variables, however, are more likely to be of relevance within divorced individuals, considering that no significant differences were found between the parenting styles of married couples. When it comes to the sub-sample of divorced subjects in the study, the results suggest that the length of time spent since the divorce / split up, the number of children and characteristics of the household may influence significantly the parenting style (self-perception vs. perception of other's parenting styles). Overall, the results obtained in this study reveal that divorced individuals are more likely to disagree in their style of parenting in comparison with married couples. Finally, it is also worth mentioning that, despite of the marital status of the individuals in this sample, the majority demonstrated an authoritative parenting style, suggesting a good-enough involvement of these parents in their children's upbringing.

Key Words: Parenthood, Parenting Styles, Socio-demographic variables, Married Couples, Divorced Individuals

Índice Geral

Introdução	1
I. Enquadramento Conceptual	2
1.1 Parentalidade	2
1.2 Das Práticas Educativas aos Estilos Parentais	3
1.2.1 Estilos Parentais do <i>Próprio</i> e da Percepção do <i>Outro</i>	7
1.2.2 Influência de Variáveis Sócio-demográficas dos pais nos Estilos Parentais	8
1.2.2.1 O Sexo	8
1.2.2.2 O Nível de Escolaridade	9
1.2.2.3 O Estado Civil	9
1.2.2.4 O Tempo de Casamento	10
1.2.2.5 O Número de Filhos	11
1.2.2.6 Os Elementos do Agregado Familiar	12
1.3 Famílias com Pais Divorciados/Separados	13
II. Processo Metodológico	14
2.1 O Desenho Metodológico	14
2.2. Questão Inicial	14
2.3. Mapa Conceptual das Variáveis da Investigação	14
2.4. Objectivos Gerais e Específicos	15
2.5. Questões de Investigação	16
2.6. Estratégia Metodológica	17
2.6.1. Processo de Selecção e Caracterização da Amostra	17
2.6.2. Descrição dos Instrumentos Utilizados	20
2.6.2.1 Questionário Sócio-Demográfico	20
2.6.2.2 Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)	20
2.6.3. Procedimento na Recolha e Tratamento dos Dados	22
III. Resultados	23
3.1 Estilos Parentais e Variáveis Sócio-demográficas	23
3.1.1 Estilos Parentais e Sexo	23
3.1.2 Estilos Parentais e Nível de Escolaridade	24

3.1.3 Estilos Parentais e Estado Civil	25
3.2 Estilos Parentais de Pais Casados e Variáveis Sócio-demográficas	26
3.2.1 Estilos Parentais de Pais Casados e Sexo	26
3.2.2 Estilos Parentais de Pais Casados e Nível de Escolaridade	26
3.2.3 Estilos Parentais de Pais Casados e Tempo de Casamento	27
3.2.4 Estilos Parentais de Pais Casados e Número de Filhos	27
3.2.5 Estilos Parentais de Pais Casados e Agregado Familiar	27
3.2.6 Correlações entre os Estilos Parentais de Pais Casados (<i>próprio e outro</i>)	27
3.3 Estilos Parentais dos Pais Divorciados/Separados e Variáveis Sócio-demográficas	28
3.3.1 Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e Sexo	28
3.3.2 Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e Nível de Escolaridade	29
3.3.3 Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e Tempo de Divórcio	29
3.3.4 Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e Número de Filhos	30
3.3.5 Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e Agregado Familiar	31
3.3.6 Correlações entre os Estilos de Pais Divorciados/Separados (<i>próprio e outro</i>). 31	
IV. Discussão dos Resultados	33
V. Conclusão	39
Bibliografia	41
Anexos	

Índice de Figuras

Figura 1: Mapa Conceptual das Variáveis de Investigação	14
--	----

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Caracterização dos “Pais Casados” quanto à variável Tempo de Casamento	18
Gráfico 2: Caracterização dos “Pais Divorciados/Separados” quanto à variável Tempo de Divórcio/Separação	19
Gráfico 3: Caracterização dos “Pais Casados” e “Pais Divorciados/Separados” quanto à variável Número de Filhos	19

Gráfico 4: Caracterização dos “Pais Divorciados/Separados” quanto à variável Agregado Familiar	19
---	----

Quadros

Quadro 1: Caracterização dos “Pais Casados” e “Pais Divorciados/Separados” quanto às variáveis Sexo e Nível de Escolaridade	18
Quadro 2: Valores de Consistência Interna da Amostra em Estudo	22
Quadro 3: Análise Descritiva da Influência do Sexo nos Estilos Parentais	24
Quadro 4: Análise Descritiva da Influência do Nível de Escolaridade nos Estilos Parentais	24
Quadro 5: Análise Descritiva da Influência do Estado Civil nos Estilos Parentais (Outro Autoritário)	25
Quadro 6: Análise Descritiva da Influência do Estado Civil nos Estilos Parentais (Próprio Autoritário e Outro Autoritativo)	26
Quadro 7: Correlações obtidas entre os Estilos Parentais de Pais Casados (<i>próprio e outro</i>)	28
Quadro 8: Análise Descritiva da Influência do Sexo nos Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados	29
Quadro 9: Correlações obtidas entre os Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e o Tempo de Divórcio/Separação	30
Quadro 10: Correlações obtidas entre os Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e o Número de Filhos	30
Quadro 11: Análise Descritiva da Influência do Agregado Familiar nos Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados	31
Quadro 12: Correlações obtidas entre os Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados (<i>próprio e outro</i>)	32

Introdução

A comunidade científica é correntemente capaz de procurar, misturar, (re)criar, no ser humano, velhas e novas formas de lidar não só consigo próprio, mas também com os seus. A forma como nos concebemos a nós e aos outros, bem como a forma como nos relacionamos connosco e com os outros, é, hoje em dia, fruto de (des)construções feitas a níveis mais abrangentes e universais do que outrora, o que nos torna seres cada vez mais previsíveis e, ao mesmo tempo, enigmaticamente mais singulares. Cresce o número de investigações, o alcance das metas sonhadas e, da mesma forma, crescem os mistérios embrenhados no caos que se vai fazendo nascer.

Como afirma Pina Prata, *vamos sendo pessoas num contexto de relações*. As influências do quadro social moderno provocam crescentes mudanças nos estilos de vida das pessoas e das sociedades, relativizando os modelos tidos como referenciais únicos, e processam modificações nos sistemas relacionais, e consequentemente, em todos nós.

Para compreender a família, um sistema de relações, numa perspectiva sistémica, é necessário olhar a *complexidade relacional* que ela contém em si. Diferenciada em vários subsistemas (Relvas, 2003), confrontam-se aqui o subsistema parental, constituído pelos pais com as respectivas funções executivas, e o conjugal, constituído pelo homem e pela mulher enquanto casal. Ainda que permanentemente inter-actantes, a conjugalidade e a parentalidade têm, cada uma delas, o seu ciclo de vida, desenvolvendo-se num espaço e num tempo próprios (Alarcão, 2006). Desta forma, cada elemento da família participa em diferentes sistemas e subsistemas, ocupando simultaneamente, diversos papéis, que implicam diferentes estatutos, funções e tipos de interacção (Relvas, 2003).

No entanto, o sistema conjugal concorre hoje a vários desafios decorrentes dos valores e interesses actuais, apresentando-se em constante mutação. O aumento do divórcio preocupa actualmente os investigadores, que assumem ser necessária uma família com duas figuras parentais para a socialização da criança. No entanto, cresce o número de estudos relativos a estas *novas formas de família* e, com eles, crescem as possibilidades de reconstrução familiar.

Nesta investigação, sendo uma realidade social indispensável ao desenvolvimento harmonioso do ser humano, a família será mais uma vez estudada, na tentativa de equacionar os seus fundamentos e componentes, nomeadamente os **estilos parentais**, face a novos contextos sociais. Poderemos questionar-nos pelas *novas formas de parentalidade*?

Ao longo deste trabalho pretende-se apresentar: um enquadramento conceptual e teórico necessário à compreensão da temática estudada (**capítulo I**), bem como o processo metodológico adoptado (**capítulo II**), a análise dos resultados obtidos (**capítulo III**) e, posteriormente, a discussão dos dados, conclusões e reflexões subjacentes (**capítulo IV e V**).

I. Enquadramento Conceptual

1.1 Parentalidade

O comportamento parental tem sido amplamente estudado pelo papel que demonstra ter na compreensão do desenvolvimento e funcionamento do ser humano.

Inspirando-se em Bornstein (2002a), Palacios e Rodrigo (1998) e Parke e Buriel (1998), Cruz (2005) sistematizou cinco funções da parentalidade: 1) satisfação das necessidades mais básicas de sobrevivência e saúde; 2) disponibilizar à criança um mundo físico organizado e previsível, com espaços, objectos e tempos que possibilitem a existência de rotinas; 3) dar resposta às necessidades de compreensão cognitiva das realidades extra-familiares; 4) satisfazer as necessidades de afecto, confiança e segurança, que se traduzem pela construção de relações de vinculação; 5) satisfazer as necessidades de interacção social da criança e sua integração na comunidade.

As crianças apresentam diferentes necessidades e competências, e os pais possuem diferentes expectativas em relação aos seus comportamentos à medida que a idade avança, exercendo influência no seu comportamento parental e educativo. De facto, é da responsabilidade dos pais escolher aquilo que ensinam à criança, pois são capazes de saber o que a sociedade vai exigir dela, bem como de tornar o processo de aprendizagem adequado à idade e à fase de desenvolvimento da criança, de forma a ser passível de ser aprendido e de ser satisfatório para esta (Baumrind, 1966).

Durante o primeiro ano de vida, a interacção do adulto com a criança prende-se predominantemente com o tomar conta dela. A demonstração do afecto através do contacto físico é bastante frequente, sendo substituída, ao decorrer da idade, por formas cada vez mais distais de demonstração afectiva. As primeiras formas de controlo do comportamento têm uma forte componente não-verbal: intervenções directas físicas, orientações forçadas e distrações da atenção (Mills & Grusec, 1988, cit. por Cruz, 2005).

Durante o segundo e terceiro anos de vida as questões disciplinares ganham relevância e os estudos apontam para a utilização de diferentes comportamentos disciplinares à medida que a criança cresce. As técnicas não-verbais vão sendo substituídas por técnicas verbais como ralar, explicar e negociar (Kuczynski et al., 1987; McLaughlin, 1983; Schaffer & Crook, 1979, cit. por Cruz, 2005). À medida que a criança vai crescendo, as mães parecem exercer menos comportamentos de controlo para lidar com as suas condutas sociais¹, como mostraram Mills e Rubin (1992, cit. por Roskam & Meunier, 2009).

A entrada da criança na escola é uma etapa marcada por uma clara abertura ao exterior e por um movimento de autonomia e separação que não pode ser ignorado, como alerta Alarcão (2006). O sub-sistema parental vê-se confrontado com a necessidade de, não perdendo a sua dimensão executiva, coabitar com outro sistema executivo, a escola. Os pais, continuando a proteger os filhos, têm que lhes ir dando cada vez mais autonomia ao mesmo tempo que lhes vão impondo, também, um conjunto cada vez mais complexo de regras e normas de actuação.

É, então, através de estratégias disciplinares específicas, designadas de práticas educativas, ou práticas parentais, que os pais promovem comportamentos social e moralmente desejáveis e buscam eliminar ou reduzir comportamentos menos desejáveis ou inadequados (Baumrind, 1997).

1.2 Das Práticas Educativas aos Estilos Parentais

A parentalidade pode ser percebida como uma dimensão global onde se incluem os estilos parentais e as práticas educativas (Cowan, Powell, & Cowan, 1998). Diana Baumrind (1966, 1968) esteve na origem dos primeiros estudos com objectivos de avaliar o impacto das práticas educativas em várias dimensões da vida do indivíduo – como iremos conhecer mais adiante – e, desde então, estas têm sido objecto de vários estudos.

Considerando as **práticas educativas/parentais** como os comportamentos específicos dirigidos para objectivos, através dos quais os progenitores cumprem os seus deveres parentais – incluindo, por exemplo, a socialização dos filhos (Hoff, Laursen, & Tardif, 2002) – e exercem uma influência directa no desenvolvimento dos comportamentos da criança, os **estilos parentais** são, segundo o modelo integrativo de Darling e Steinberg (1993), um

¹ Os autores Vandenplas-Holper, Roskam e Pirot (2006) corroboram a teoria de Mills e Rubin, observando que as mães de crianças com nove anos estimulavam mais as suas exigências de autonomia, do que as mães de crianças com três anos.

conjunto de atitudes que são direccionadas e comunicadas à criança (por comunicação digital e/ou analógica), através das quais resulta a criação de um clima emocional onde os comportamentos parentais, isto é, as práticas parentais, são expressos.

Tendo também investigado as relações entre pais e filhos, mas sob uma perspectiva diferente, Hoffman (1994) busca destacar a importância das estratégias utilizadas pelos pais frente a situações de conflito com os filhos, propondo este conceito de práticas educativas parentais, dimensão distinta dos estilos parentais, como já foi adiantado. Tal distinção dá-se no sentido em que as práticas educativas se referem a situações quotidianas específicas de interacção pais-filhos, e que revelam as estratégias utilizadas pelos pais na educação de seus filhos (Hoffman, 1994), sendo avaliadas, segundo Cruz (2005) em termos de conteúdos e frequências do comportamento, em vez de qualidade. Já os estilos parentais envolvem dimensões da cultura familiar como a dinâmica da comunicação familiar, do apoio emocional e de controlo presentes nas interacções pais-filhos.

Deste modo, os estilos parentais podem ser inferidos a partir das práticas educativas (Pereira, 2009), e influenciam indirectamente a capacidade dos pais como agentes de socializadores da criança, pois podem alterar a eficácia das suas práticas educativas. O estilo parental, nesta perspectiva, pode ser pensado como uma variável contextual que modera a relação entre as práticas educativas específicas e o desenvolvimento da criança (Darling & Steinberg, 1993). As práticas educativas exercidas com mais frequência pelos progenitores são aquelas que se encontram mais relacionadas com o estilo parental adoptado (Darling & Steinberg, 1993; Lila, 2009).

A importância de estudar esta componente da parentalidade advém de um grande e significativo número de estudos, que consigna a importância do papel dos estilos parentais nas competências e adaptação das crianças e adolescentes (e.g. Hart, DeWolf, Wozniak & Burts, 1992; Lamborn, Mounts, Steinger & Dornbusch, 1991; Patock-Peckham, Cheong, Balhorn & Nahosjhi, 2001; Purdie, Carroll & Roche, 2004 e Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts & Dornbusch, 1994, cit. por Keller, 2008).

Subjacentes aos estilos parentais, estão duas dimensões relacionadas com o comportamento parental e consideradas por vários autores: a dimensão controlo exercido pelos pais e a dimensão relativa ao afecto, aceitação e suporte (Darling & Steinberg, 1993; Pereira, 2007), que Baumrind designa de responsividade (1973). A dimensão controlo tem importantes implicações para o funcionamento adaptativo da criança, nomeadamente no que

se refere à sua capacidade para viver em grupo e em sociedade. O controlo, mecanismo que promove a conformidade e aceitação das regras e normas sociais, pode ser simultaneamente inibidor, quando se trata de controlo psicológico, e facilitador, quando se trata de controlo comportamental² (Barber, 2002). A dimensão responsividade refere-se a um conjunto de características parentais que incluem o suporte parental, a disponibilidade afectiva, as expressões de afecto e o tom emocional positivo, a aceitação da criança, o envolvimento positivo, a sensibilidade para os estados psicológicos da criança e respostas adequadas às necessidades psicológicas da mesma³ (Rohner, 2004).

Diana Baumrind (1966), nos seus estudos pioneiros, configurou uma tipologia de três estilos parentais, que englobam formas diferentes de abordar o papel de controlo e responsividade nos diversos domínios da prática da parentalidade: estilo autoritário, estilo permissivo e estilo autoritativo.

Segundo a autora, os pais autoritários tentam influenciar, controlar e avaliar os comportamentos e as atitudes da criança de acordo com um padrão absoluto, em geral baseado teologicamente ou formulado por uma autoridade secular elevada. É valorizada a obediência como virtude, bem como a punição no sentido de restringir a vontade própria da criança. Quanto à independência e individualidade da criança, estas são desencorajadas. Estes pais tentam inculcar nos filhos valores tradicionais e não são encorajadas as trocas verbais, sendo da opinião de que as crianças devem aceitar aquilo que os próprios pais acham que está certo (Baumrind, 1966).

Os pais permissivos tentam comportar-se de uma forma não punitiva e aceitante face aos impulsos, desejos e acções da criança. Fazem poucas exigências de maturidade aos filhos. Apresentam-se mais como recursos que os seus filhos podem utilizar quando o desejarem do

² O controlo comportamental manifesta-se através de um conjunto diverso de comportamentos, sendo eles a comunicação de regras de conduta, acções que visam o seu cumprimento por parte da criança/jovem, monitorização e supervisão da mesma (Barber, 2002; Steinberg, 2005). Quanto ao controlo psicológico, trata-se de um controlo intrusivo e/ou coercivo com recurso a técnicas de manipulação de emoções e interfere no desenvolvimento psicológico e emocional da criança/jovem (Steinberg, 2005). Ao contrário do primeiro, este exerce um efeito negativo na criança/jovem na medida em que interfere no desenvolvimento da autonomia e de um sentido de identidade e avaliação do próprio enquanto ser competente e autónomo (Barber, 2002; Steinberg, 2005).

³ São considerados dois tipos de comportamentos subjacentes a esta dimensão: os de aceitação (transmitidos através do afecto) e os de rejeição (transmitidos através da hostilidade e agressividade física e verbal, de comportamentos de indiferença ou negligência e de rejeição) (Rohner, 2004).

que como agentes activos e responsáveis pela influência no comportamento actual ou futuro dos filhos. Os pais permissivos tendem a tratar todas as regras como sendo do domínio pessoal e, como tal, só dizem respeito ao próprio, neste caso a criança/jovem. Assim, deixam os filhos regularem as suas próprias actividades tanto quanto possível e evitam o exercício do controlo e o uso do poder para conseguir os seus fins (Baumrind, 1966).

Por fim, os pais autoritativos tentam orientar as actividades da criança de uma forma racional e estimulam a sua independência e individualidade. Encorajam as trocas verbais e compartilham com as crianças as razões que estão por detrás das suas decisões. Valorizam tanto a vontade própria da criança como a conformidade desta em relação àquilo que é realmente importante. Assim, exercem um controlo firme, adoptando uma atitude de confronto quando há divergências, mas não exageram nas restrições. Afirmam os seus valores de forma clara e esperam que os filhos cumpram as normas que lhes dizem respeito. As decisões que tomam não se baseiam no consenso do grupo ou unicamente nos desejos da criança, mas também não se vêem a eles próprios como infalíveis ou detentores da verdade em todas as situações. Os pais autoritativos, sendo exigentes, são também responsivos tanto afectiva como cognitivamente. Estes pais reconhecem os seus próprios direitos como adultos mas também respeitam os direitos e as peculiaridades dos seus filhos, existindo reciprocidade nos compromissos assumidos (Baumrind, 1966).

Mais tarde, Maccoby e Martin (1983) integraram um novo estilo parental na tipologia de Baumrind, o estilo negligente (Darling & Steinberg, 1993; Hoff *e tal.*, 2002; Rodriguez, Donovanick, & Crowley, 2009). Os pais negligentes não exigem responsabilidade aos filhos, não encorajando também a sua independência. Apresentam-se como pais frios, inacessíveis, indiferentes, centrados neles próprios, não dando à criança os estímulos afectivos de que necessita, sendo também incapazes de se auto-organizarem para responder às suas necessidades físicas, emocionais e afectivas.

Posteriormente, existiram várias tentativas de conceptualizar os estilos parentais em dimensões centrais, conjugando os trabalhos de Baumrind com estudos posteriores⁴. Estudos mais recentes consideram as dimensões controlo/exigência e compreensão/apoio como

⁴ Na década de 80, uma reformulação foi feita por Maccoby e Martin (1983), estabelecendo as dimensões responsividade e exigência. Segundo os autores, os pais autoritários pontuam níveis elevados na dimensão exigência e níveis baixos na dimensão responsividade, os pais permissivos pontuam níveis elevados na dimensão responsividade e níveis baixos na dimensão exigência, os pais autoritativos pontuam níveis elevados nas duas dimensões e, por último, os pais negligentes pontuam níveis baixos nas duas dimensões.

dimensões subjacentes aos estilos parentais. A primeira refere-se, da mesma forma que nos estudos anteriores, à vontade dos pais em agirem como agentes de socialização dos filhos. A última refere-se ao reconhecimento que os pais fazem da individualidade da criança, dando-lhe, simultaneamente, suporte emocional e afectivo (Darling & Steinberg, 1993). Deste modo, o estilo autoritário é caracterizado pela baixa compreensão/apoio e elevado controlo/exigência; o estilo permissivo apresenta resultados elevados na dimensão compreensão/apoio e baixos resultados na dimensão controlo/exigência; o estilo autoritativo é caracterizado por resultados elevados em ambas as dimensões; e o estilo negligente apresenta resultados baixos em ambas as dimensões (Martínez & García, 2008; Rodríguez et al., 2009).

De uma forma geral, apesar das constantes evoluções, todas as abordagens se mantêm relativamente perto da proposta inicial de Baumrind, sendo essa a abordagem teórica adoptada nesta investigação.

1.2.1 Estilos Parentais do *Próprio* e da Percepção do *Outro*

Na perspectiva de sistemas familiares, os estilos parentais de mães e de pais são conceptualizados como sendo interdependentes, sendo que, influenciando a parentalidade, a relação entre mães e pais é muito importante para o funcionamento da criança, talvez até mais importante do que as contribuições individuais dos estilos parentais dos mesmos (Block, Block, & Morrison, 1981; Lindsey & Mize, 2001).

Apesar da investigação sobre a percepção e concordância inter-parental em relação aos estilos parentais ser limitada, há evidências que sugerem que os indivíduos que mostram estratégias parentais autoritativas tendem a ter esposas/esposos com um estilo parental semelhante, enquanto que os indivíduos que demonstram estratégias parentais menos eficazes tendem a discordar frequentemente das/dos suas/seus esposas/esposos (Block et al., 1981).

Winsler, Madigan e Aquilino (2005) sugeriram que as mães avaliam-se como sendo mais autoritativas do que os seus esposos, e, quanto aos restantes estilos parentais, não mostram diferenças. Por outro lado, os pais avaliam as suas esposas como mais autoritativas do que eles próprios, mais permissivas, mas menos autoritárias do que eles próprios. Os mesmos autores sugerem ainda que os indivíduos que se avaliam com elevada permissividade tendem a ser casados com esposas/os que similarmente se avaliam com elevada permissividade. Por outro lado, indivíduos com elevado autoritarismo não parecem mostrar uma correlação com elevado autoritarismo nas/os suas/seus esposas/os, sugerindo que os

indivíduos com valores permissivos tendem a procurar parceiros com valores igualmente permissivos, enquanto que os indivíduos com um estilo parental predominantemente autoritário ou autoritativo, procuram preferencialmente parceiros com uma abordagem diferente à parentalidade (Winsler *et al.*, 2005).

Estes estudos sugerem que, ao estudarmos a natureza das práticas parentais, a percepção dos estilos parentais das/os esposas/os e o grau de concordância entre si próprios e as/os suas/seus esposas/os, devem ser considerados pois, como já vimos, esta correspondência pode fornecer informação importante acerca dos efeitos no desenvolvimento da criança.

1.2.2 Influência de Variáveis Sócio-demográficas dos pais nos Estilos Parentais

Belsky (1984) parte do pressuposto de que os estilos parentais são determinados pelas características dos pais, dos filhos e pelo contexto envolvente a relação pais-filhos, sendo, por isso, necessário ter em conta as múltiplas influências que sofre o comportamento parental a partir da interacção entre as pessoas e o contexto. Seguem-se abaixo algumas variáveis sócio-demográficas a ter em conta nesta investigação e que podem ter, de certa forma, impacto na avaliação dos estilos parentais.

1.2.2.1 O Sexo

Pais e mães apresentam ideias diferentes não apenas como resultado do seu próprio processo de socialização, mas também porque a sua experiência como pais é muito diferente (Murphy, 1992, cit. por Cruz, 2005). As condutas maternas estão, na literatura, mais fortemente associadas à preocupação com os cuidados e à segurança afectiva dos filhos, enquanto as paternas se voltam à questão da disciplina. Este contraste desperta o interesse em estudar e reflectir sobre as possíveis diferenças de género manifestadas na prática da parentalidade, nomeadamente ao nível dos estilos parentais adoptados.

Observa-se que a mãe é muitas vezes referida como aquela que apresenta, mais frequentemente do que o pai, o estilo parental autoritativo, incentivando o diálogo e exercendo controlo nos pontos de divergência. Conforme relatos tanto de filhos como de pais, existe a concordância de que as práticas autoritárias que fazem uso de medidas punitivas na resolução de conflitos e que, de forma rígida, impõem valores e regras são raras nas famílias, mas que, por vezes, essas são atribuídas ao pai (Gordon, 2000). Parecem existir, de facto, muitas indicações de que as mães tendem a demonstrar práticas parentais mais consistentes

com um estilo parental autoritativo, enquanto os pais exibem práticas mais consistentes com um estilo autoritário, particularmente no que toca a estratégias disciplinares (Holmbeck et al., 1995; Russell et al., 1998; Russell, Hart, Robinson, & Olsen, 2003; Tein, Roosa, & Michaels, 1994, cit. por Winsler *et al.*, 2005; Grigorenko & Sternberg, 2000; Conrade & Ho, 2001).

Contudo, o consenso parece ser difícil de assegurar, pois outros estudos mostram que, pelo contrário, podem não existir diferenças significativas ao nível dos estilos parentais entre os pais e as mães (e.g.: Hein & Lewko, 1994).

1.2.2.2 O Nível de Escolaridade

Um nível de escolaridade mais elevado nos progenitores, é assumido como um indicador forte de um estilo parental autoritativo (Barrett, Singer & Weinstein, 2000). No entanto, segundo os autores Roskam e Meunier (2009), a influência do nível de escolaridade varia entre pais e mães, sugerindo diferentes papéis e investimentos destas duas figuras parentais, de acordo com o seu nível de escolaridade. As mães com um elevado nível de escolaridade adoptam estilos parentais relacionados com resultados mais positivos nas crianças, do que as mães com um menor nível de escolaridade. Em relação aos pais, pais com um nível de escolaridade elevado mostraram uma menor monitorização com os filhos, do que pais com um nível de escolaridade mais baixo. Esta diferença pode emergir, segundo os autores, porque os pais com elevado nível de escolaridade estão mais envolvidos na sua vida profissional, investindo menos nas funções da parentalidade, principalmente de monitorização, do que os pais com baixo nível de escolaridade.

De um modo contrário, Vandenplas-Holper e os seus colaboradores (2006), não encontraram diferenças entre mães com um nível de escolaridade elevado e mães com um nível de escolaridade baixo, no que diz respeito à estimulação cognitiva e às exigências de autonomia dos filhos.

1.2.2.3 O Estado Civil

A perspectiva dos sistemas familiares sugere que a situação marital e relacional entre mães e pais desempenha um importante papel no desenvolvimento da criança, particularmente na forma como afecta as práticas parentais com a criança (e.g. Belsky, 1981, cit. por Winsler *et al.*, 2005; Santrock, Warshak, Lindberg & Meadows, 1992, cit. por Grigorenko & Sternberg, 2000).

Estudos demonstram que as crianças que nascem em famílias de pais casados têm menos probabilidade de experienciar situações de instabilidade familiar, em relação àquelas que nascem em famílias de pais coabitantes não casados (Horn, 2006), demonstrando a vantagem dos filhos nascerem em famílias cujos pais estejam casados. Grigorenko e Sternberg (2000) verificaram também que os pais coabitantes não casados não são tão supervisores dos filhos como os pais casados e, por isso, são menos autoritários, apresentando um estilo mais permissivo e negligente. Além disso, correlações positivas têm sido encontradas entre casamentos de qualidade, concordância no estilo parental⁵ e bom desenvolvimento da criança (Harvey, 2000; Margolin, Gordis & John, 2001).

Estudos demonstram, ainda, que há uma maior probabilidade de encontrar pais negligentes e permissivos em famílias cujos pais estão divorciados – como irá ser abordado mais à frente – do que naquelas que se encontram em situação de recasamento (e.g. Shucksmith, Hendry & Glendinning, 1995, cit. por Grigorenko & Sternberg, 2000).

1.2.2.4 O Tempo de Casamento

Não foram encontrados estudos que analisassem a influência do tempo de casamento nos estilos parentais. No entanto, considerando, antes de mais, o facto de o casamento estar associado a indivíduos com uma maior satisfação com a comunicação da relação e uma melhor qualidade conjugal⁶ (Relvas & Alarcão, 2007), importa perceber o ciclo da relação conjugal e de que modo é que este se relaciona com as relações parentais.

A fase do nascimento dos filhos enquadra uma crise no casal – *crise* como uma necessidade de mudança geradora de stress (Alarcão, 2006) – que, para além da dimensão familiar, tem implicações importantes na conjugalidade. Os casais com filhos apresentam um declínio, ao longo do tempo, quanto à qualidade e satisfação conjugal, em relação às actividades conjuntas e à comunicação, uma vez que retiram menos satisfação das actividades conjuntas, comunicam menos e o conteúdo das suas comunicações incidem sobretudo nos filhos, havendo menos intimidade conjugal. Belsky (1990) propõe mesmo um ciclo conjugal e familiar com níveis elevados de satisfação nas primeiras etapas do casamento, seguindo-se um

⁵ A percepção da concordância entre pais tem sido vista como um importante preditor da qualidade de uma relação marital, em detrimento da percepção da discordância (Buehler & Gerard, 2002)

⁶ Este estudo foi realizado em contexto português, com “indivíduos casados” e “indivíduos coabitantes”, demonstrando que os segundos apresentam valores inferiores, comparativamente com os casados, no que se refere a dimensões respeitantes às relações conjugais (Silva & Relvas, 2002, cit. por Relvas & Alarcão, 2007).

decréscimo progressivo até correspondentes ao crescimento dos filhos (primeira década) e um novo aumento nas etapas posteriores à sua saída de casa (quinze anos seguintes). De que modo influencia a satisfação conjugal nas relações entre pais e filhos?

A meta-análise conduzida por Erel e Burman (1995) revela a existência de algumas hipóteses que associam as relações conjugais às parentais. A hipótese mais argumentada, segundo os autores, é a de que existe uma correlação positiva entre as duas relações⁷. Neste caso, uma relação marital negativa ou conflituosa provoca irritação e desequilíbrio emocional nos cônjuges, o que influencia os seus comportamentos como pais, tornando-os menos atenciosos e menos sensíveis aos filhos, e, pelo contrário, uma relação conjugal satisfatória oferece suporte aos cônjuges, favorecendo a manutenção de uma relação positiva com seus filhos. Por outro lado, Brody, Pillegrini e Sigel (1986) observaram que pais com relações conjugais satisfatórias apresentavam maior sensibilidade no seu papel parental do que pais com relações maritais insatisfatórias. Neste último caso, as mães insatisfeitas tendiam a compensar os seus filhos, sendo mais responsivas, enquanto que os pais insatisfeitos emitiam comportamentos negativos e intrusivos em relação aos filhos, revelando diferenças de género na sua relação com os filhos.

1.2.2.5 O Número de Filhos

Em relação à influência do número de filhos, Polit e Falbo (1987) verificaram que as crianças filhas únicas tendem a ter relações mais positivas com os seus pais, sendo que a magnitude desta diferença acentua-se apenas em relação a crianças com um número grande de irmãos (cinco crianças ou mais), sugerindo-nos que o tamanho da família, mais concretamente o número de filhos/irmãos, parece ser um factor importante para a relação entre pais e filhos.

De facto, pais com um grande número de filhos exigem destes mais autonomia, usam mais a punição e são menos responsivos do que pais com menos filhos (Kidwell, 1981). Contudo, apesar de se afirmar que esta influência desvanece quando o nível de escolaridade dos pais e a sua classe social são assegurados (Blake, 1989), Roskam e Meunier (2009) observaram diferenças significativas nos estilos parentais, mesmo considerando o nível de

⁷ Outra hipótese colocada e estudada pelos autores é a de que um casamento stressante, por exemplo, pode aumentar a atenção dos pais à criança como uma forma de compensar, tanto a falta de afecto e satisfação na relação conjugal, como a exposição da criança ao conflito conjugal. Cônjuges insatisfeitos nas suas necessidades de amor e intimidade buscam satisfazê-las na relação com suas crianças. Neste mesmo sentido, uma relação conjugal satisfatória é associada a uma relação parental com menos envolvimento dos pais.

escolaridade no seu modelo de regressão. Os autores demonstraram que pais adoptam estilos parentais menos positivos (com níveis mais baixos de monitorização, menos imposição de regras, menos supervisão e uma disciplina mais inconsistente) quando o número de filhos aumenta, podendo ou não ser explicado pelo facto de os pais sentirem que os filhos encontram na fátia recursos para as suas dificuldades e ansiedades, sendo mais frequente a exigência de autonomia por parte dos pais (Alarcão, 2006).

1.2.2.6 Elementos do Agregado Familiar

Estudos com adolescentes mostraram que estes experienciam diferentes estilos parentais em casas com uma e duas figuras parentais. Independentemente da etnia e da classe social, as famílias com as duas figuras parentais presentes tendem a ser mais autoritativas, mais autoritárias, menos permissivas e menos negligentes do que as famílias com uma só figura parental presente no seio familiar. De facto, as figuras parentais sozinhas⁸ parecem exibir um menor cumprimento das funções da parentalidade, especialmente no controlo do comportamento e na definição de limites (isto é, são mais permissivas e menos envolvidas) (Hetherington, Cox & Cox, 1982; Hetherington, Stanley-Hagan, & Anderson, 1989; Wallerstein, 1983). De facto, as múltiplas exigências e factores de stress entregues a uma só figura parental contribuem para o decréscimo da sua capacidade de dar monitorização e estrutura para os filhos. Em contrapartida, os esforços combinados de duas figuras parentais em famílias intactas, que geralmente partilham as responsabilidades da educação da criança, podem ser importantes na medida em que contribuem para uma maior capacidade de desenvolver uma parentalidade mais efectiva e envolvida.

Do lado das crianças, não parece importar tanto a frequência com que estão com os pais, no caso de pais e mães divorciados/as ou separados/as, mas sim a qualidade da relação que estabelecem com estes. Pais que não obtiveram a custódia dos filhos e que não fazem parte do seu agregado familiar habitual, mas que adoptam um estilo parental autoritativo, têm tendencialmente filhos com bons resultados escolares e com uma boa internalização e externalização de problemas. No entanto, o padrão de visitas irregulares pode afectar a qualidade da relação entre pai e filho, havendo a tendência para este adoptar um estilo mais permissivo e assumir uma relação de companheirismo, em vez de assumir o papel de educador (Hetherington, 1993).

⁸ É importante distinguir os diferentes tipos de parentalidade com apenas uma figura parental, sendo eles o divórcio, a viuvez e a situação de maternidade solteira. Neste estudo apenas nos debruçaremos sobre o divórcio/separação.

1.4 Famílias com Pais Separados/Divorciados

O divórcio e a posterior reconstituição da família têm sido experiências comuns nas vidas de pais e filhos portugueses actualmente. A idílica imagem de duas figuras parentais numa família nuclear intacta tem sido, desde os anos 90, substituída por uma visão mais complexa da parentalidade, onde se complexificam as teias de relações familiares. Os estudos concentram-se nos efeitos do divórcio no desenvolvimento da criança, e indicam que as dificuldades económicas os conflitos familiares ou entre as figuras parentais, a disciplina inadequada e outros factores de stress secundários associados ao divórcio, aumentam o efeito negativo do divórcio na criança (Avenevoli, Sessa & Steinberg, 1999)

Relativamente aos efeitos nas práticas parentais, e se pensarmos que as crenças sobre os estilos parentais se encontram muito dependentes das crenças sobre os estilos parentais do outro parceiro, é interessante pensar o que acontece quando os parceiros se divorciam e/ou se recasam. Grigorenko e Sternberg, 2000 colocam a hipótese de, eventualmente, existirem problemas entre pais e filhos atribuídas às mudanças de crenças de estilos parentais provocadas pelas crenças de um novo parceiro.

Estudos demonstram que as mães e os pais divorciados demonstram um menor envolvimento e cumprimento das funções da parentalidade, caracterizado pela diminuição do afecto, comunicação, controlo e monitorização (Hetherington et al., 1982, 1989; Wallerstein, 1983) durante o período em torno de uma separação ou divórcio, sendo que se torna importante considerar este período (Wallerstein, Cortin & Lewis, 1988).

Lazar, Guttman e Abas (2009) mostraram ainda que as mães divorciadas tendem a exercer menos autoridade do que as mães casadas, e adianta que isto pode ser explicado pelas mudanças de limites intergeracionais depois do processo do divórcio, tendencialmente atribuídas ao medo de que os filhos prefiram a outra figura parental (habitualmente o pai), à culpa que estas sentem, e ao desejo de compensá-los pelo sofrimento que o divórcio lhes causou.

Tendo como pressuposto a ideia sistémica de que as transformações relacionais e sociais actuam nos seus membros e estes actuam em si, é importante adiantarmo-nos para o estudo destas mesmas transformações no sistema familiar. A importância de cruzarmos as componentes parentais, neste caso os estilos parentais, com os processos de transformação actuais, é a de consciencializar os indivíduos e os profissionais, suscitando interrogações e ajudando a melhorar práticas.

II. Processo Metodológico

2.1 Desenho Metodológico

A presente investigação está alicerçada numa abordagem quantitativa, assentando num paradigma empirista e pós-positivista. Como iremos ver daqui em diante, segue um desenho metodológico descritivo e comparativo, uma vez que procura estudar relações entre variáveis, de modo a compreender e descrever padrões comportamentais.

2.2 Questão Inicial

Tendo em conta a diversidade de estudos que apontam para uma variação de padrões, de que forma os estilos parentais (percepção do *próprio* e percepção do *outro*) de pais casados e de pais divorciados ou separados, variam de acordo com algumas variáveis sócio-demográficas?

2.3 Mapa Conceptual das Variáveis da Investigação

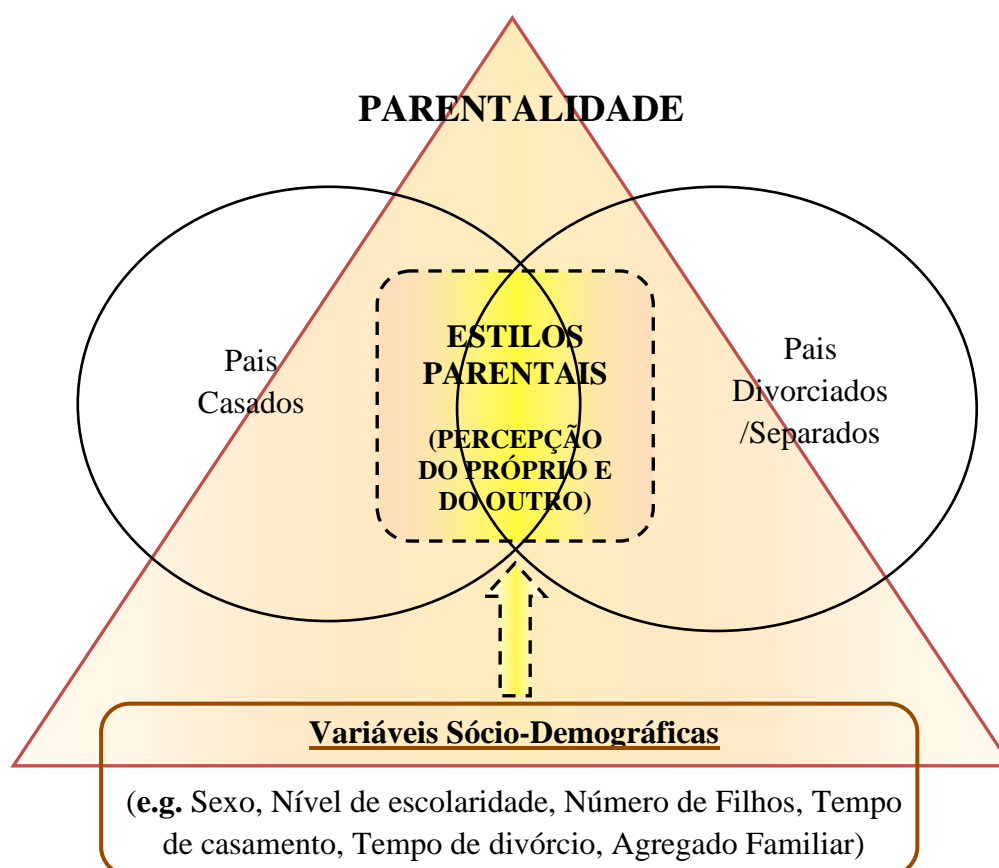


Figura 1: Mapa Conceptual das Variáveis de Investigação

Considerando uma amostra de pais casados e uma amostra de pais separados ou divorciados, pretende-se estudar uma **variável dependente**: os estilos parentais – nomeadamente o estilo parental do *próprio* e a percepção que este tem do estilo parental do *outro* – em ambas as amostras de pais, identificando e compreendendo os pontos em que se cruzam e em que se distinguem.

Pretende-se ainda, nas duas amostras acima referidas, estabelecer e compreender a relação entre esta variável dependente e algumas variáveis sócio-demográficas, como o sexo, nível de escolaridade, número de filhos, tempo de casamento, tempo de divórcio e agregado familiar – **variáveis independentes**.

Como se pretende evidenciar no mapa conceptual, todas as variáveis contidas nesta investigação serão inseridas na temática da parentalidade, e abordadas tendo em conta essa referência contextual – ver **figura 1** (Mapa Conceptual das Variáveis de Investigação).

2.4 Objectivos Gerais e Específicos

O presente estudo tem como objectivos primordiais: estudar as possíveis relações existentes entre os estilos parentais, da percepção de estilos parentais do *próprio* e da percepção dos estilos parentais do *outro*, e algumas variáveis sócio-demográficas; e conhecer e compreender as possíveis semelhanças e diferenças nos estilos parentais, da percepção do *próprio* e da percepção do *outro*, em famílias com pais casados e em famílias com pais separados ou divorciados, explorando, simultaneamente, a influência de algumas variáveis sócio-demográficas nessa análise comparativa. Com base nestes objectivos gerais, pretende-se sobretudo:

1) Compreender, de uma forma geral, a influência das variáveis sócio-demográficas relativas aos pais – nomeadamente o sexo, o nível de escolaridade e o estado civil – nos estilos parentais de si próprios e na percepção que têm dos estilos parentais do outro;

2) Conhecer e compreender a influência do sexo dos pais nos estilos parentais de si próprios e na percepção que têm dos estilos parentais do outro, em pais casados e em pais divorciados/separados;

3) Conhecer e compreender a influência do nível de escolaridade dos pais, nos estilos parentais de si próprios e da percepção que têm dos estilos parentais do outro, em pais casados e em pais divorciados/separados;

4) Conhecer e compreender a influência do tempo de casamento e do tempo de divórcio dos pais nos estilos parentais de si próprios e da percepção que têm do outro, respectivamente em pais casados e em pais divorciados/separados;

5) Conhecer e compreender a influência do número de filhos nos estilos parentais dos próprios pais e da percepção que têm do outro, em pais casados e em pais divorciados/separados;

6) Conhecer e compreender a influência do tipo de membros do agregado familiar dos pais nos estilos parentais de si próprios e da percepção que têm do outro, em pais casados e em pais divorciados/separados;

7) Conhecer e compreender as correlações que existem entre os estilos parentais dos pais, nomeadamente de si próprios e da percepção que têm do outro, em pais casados e em pais divorciados/separados.

2.5 Questões de Investigação

De uma forma geral, pelo que foi apresentado na revisão de literatura, não parece existir sempre um *background* teórico e/ou científico suficientemente claro para esperar certos resultados e, antecipadamente, prever hipóteses para a investigação. Assim, adoptando uma atitude mais exploratória, e, de modo a criar novas perspectivas de referenciais, colocam-se as seguintes questões de investigação para este estudo:

1) **QI:** Tendo em conta a controvérsia existente em resultados de diferentes estudos (e.g.: Conrade & Ho, 2001; Winsler *et al.*, 2005), qual será a influência do sexo, do nível de escolaridade e do estado civil dos pais, nos estilos parentais de si próprios e na percepção que têm dos estilos parentais do outro? Existirão diferenças?

2) **QI:** Qual a influência do sexo dos pais nos estilos parentais de si próprios e na percepção que têm dos estilos parentais do outro, em pais casados e em pais divorciados/separados?

3) **QI:** Qual a influência do nível de escolaridade dos pais, nos estilos parentais de si próprios e da percepção que têm dos estilos parentais do outro, em pais casados e em pais divorciados/separados?

4) **QI:** Qual a influência do tempo de casamento e do tempo de divórcio dos pais nos estilos parentais de si próprios e da percepção que têm do outro, respectivamente em pais casados e em pais divorciados/separados?

5) **QI:** Qual a influência do número de filhos nos estilos parentais dos próprios pais e da percepção que têm do outro, em pais casados e em pais divorciados/separados;

6) **QI:** Qual a influência do agregado familiar dos pais nos estilos parentais de si próprios e da percepção que têm do outro, em pais casados e em pais divorciados/separados?

7) **QI:** Existe correlação entre os estilos parentais dos próprios pais e a percepção que têm dos estilos parentais do outro? Como se comporta esta correlação em pais casados e em pais divorciados/separados?

2.6 Estratégia Metodológica

2.6.1 Processo de Selecção e Caracterização da Amostra

A amostra estudada nesta investigação (pais casados e pais divorciados/separados) foi obtida através de um processo de amostragem não probabilístico, sendo uma amostragem de conveniência, conseguida através de método de propagação geométrica (*bola de neve*) (Maroco, 2007). Foram incluídos na investigação os sujeitos que verificaram as seguintes condições: ser casado, divorciado ou separado; e simultaneamente com filhos em idade escolar⁹, tendo sido estes os critérios para aplicação dos instrumentos em estudo.

O número de participantes que integra a amostra referida é de 60 sujeitos, sendo que 50% destes (N=30) são casados e os restantes 50% (N=30) são divorciados ou separados.

Os 60 sujeitos têm idades compreendidas entre os 30 e os 52 anos de idade ($M = 40,5$ e $DP = 4,7$), sendo que 46,7% são do sexo masculino ($N = 28$) e 53,3% do sexo feminino ($N = 32$), todos residentes no concelho de Lisboa ($N = 60$).

Quanto ao nível de escolaridade dos sujeitos, 10% frequentou 7-9 anos de escolaridade ($N = 6$), 25% frequentou 10-12 anos de escolaridade ($N = 15$), 10% teve alguma frequência universitária ($N = 6$) e 33% completou o ensino superior ($N = 33$). De um modo geral, os

⁹ Foi criado o critério “filhos em idade escolar”, com o objectivo de homogeneizar relativamente a amostra, e tendo em conta que, coincidindo com o período de sete a dez anos de casamento dos pais, é o momento do ciclo de vida familiar em que se verifica um maior número de divórcios entre os pais (Relvas & Alarcão, 2006).

participantes que constituem a amostra considerada possuem um nível de escolaridade médio e alto.

Para além de variáveis sócio-demográficas como o tempo de casamento, o tempo de divórcio/separação e o número de filhos, foi ainda contemplada a religiosidade dos pais, sendo que 28,3% são não crentes (N=17), 55% são crentes não praticantes (N=33) e 16,7 são crentes praticantes (N=10). É ainda de referir que a maioria dos pais nunca teve acompanhamento psicológico (93,1%), ainda que poucos tenham tido no passado (6,9%).

A amostra total da investigação (N=60) será, sempre que necessário, recortada e dividida em “Pais casados” e “Pais divorciados/separados”, tanto no processo metodológico da presente investigação, como na análise estatística. Para uma melhor compreensão dos dados, seguem-se algumas representações gráficas da caracterização diferenciada dos pais casados e dos pais divorciados/separados, quanto às variáveis sexo e nível de escolaridade (ver **Quadro 1**), tempo de casamento (ver **Gráfico 1**), tempo de divórcio (ver **Gráfico 2**), número de filhos (ver **Gráfico 3**) e agregado familiar (ver **Gráfico 4**).

Quadro 1: Caracterização dos “Pais Casados” e “Pais Divorciados/Separados” quanto às variáveis Sexo e Nível de Escolaridade.

	Pais Casados		Pais Divorciados/ Separados	
	Frequência	% Válida	Frequência	% Válida
Sexo				
Masculino	14	46,7	14	46,7
Feminino	16	53,3	16	53,3
Nível Escolaridade				
7-9 anos	4	13,3	2	6,7
10-12 anos	4	13,3	11	36,7
Frequência Universitária	6	20	0	0
Ensino Superior	16	53,3	17	56,7

Gráfico 1: Caracterização dos “Pais Casados” quanto à variável Tempo de Casamento (em anos).

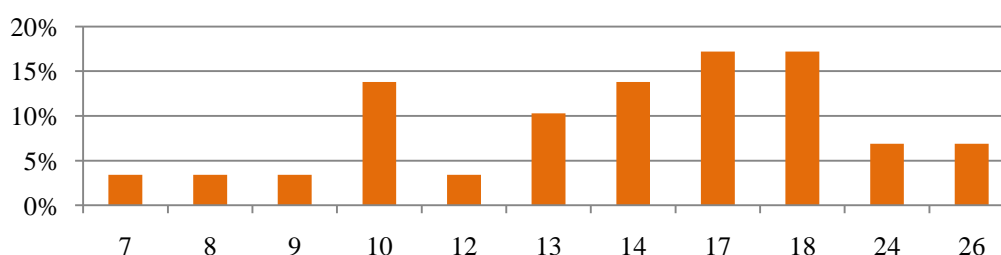


Gráfico 2: Caracterização dos “Pais Divorciados/Separados” quanto à variável Tempo de Divórcio/Separação (em anos).

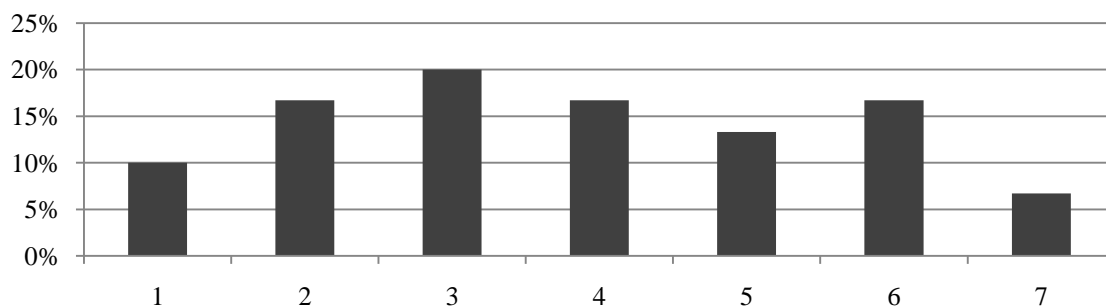


Gráfico 3: Caracterização dos “Pais Casados” e “Pais Divorciados/Separados” quanto à variável Número de Filhos.

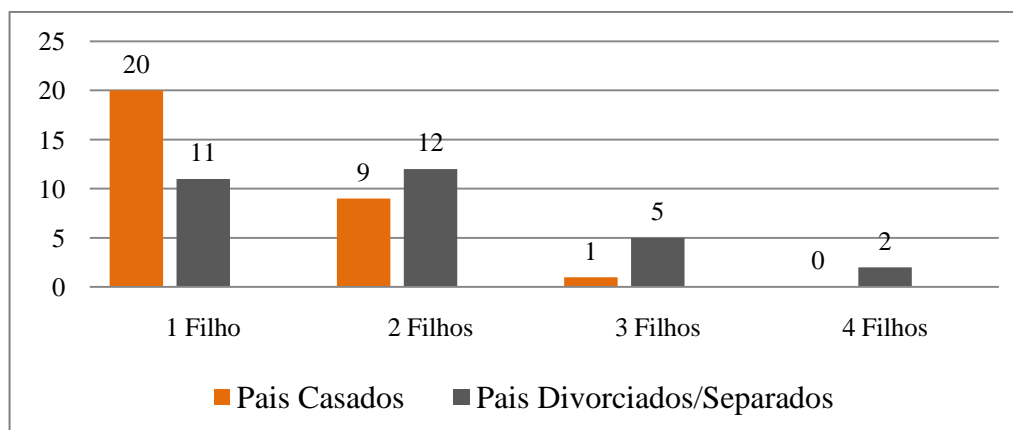
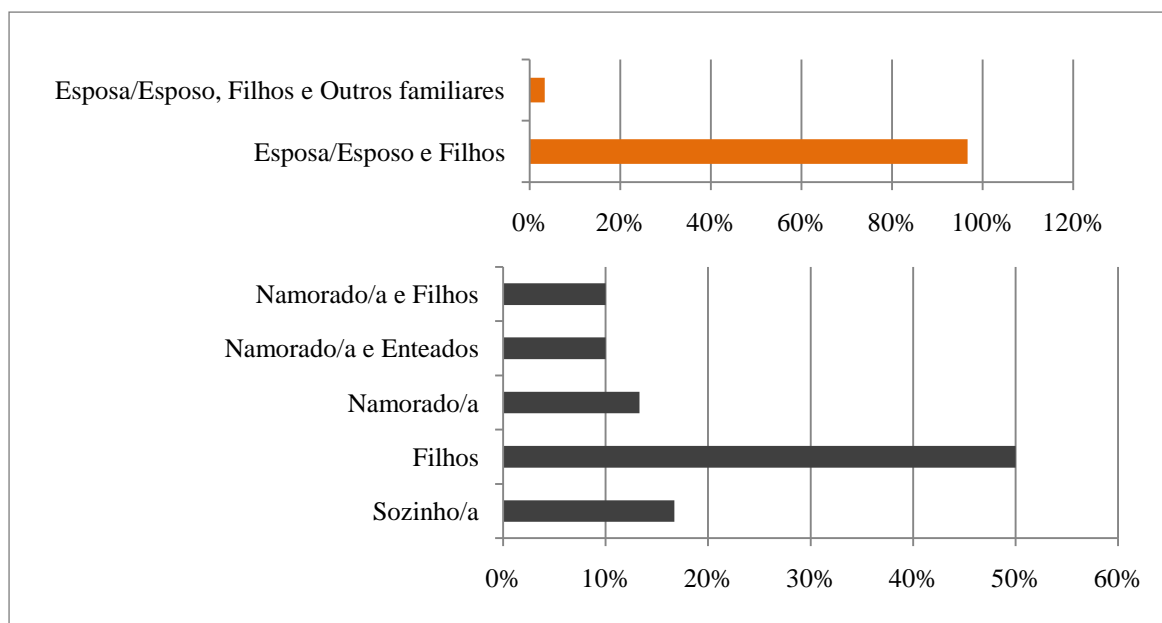


Gráfico 4: Caracterização dos “Pais Casados” e “Pais Divorciados/Separados” quanto à variável Agregado Familiar.



2.6.2 Descrição dos Instrumentos Utilizados

2.6.2.1 Questionário Sócio-Demográfico

Foi utilizado um questionário sócio-demográfico (ver **Anexo II**) com o objectivo de aceder a um conjunto de dados importantes para este estudo. Este apresenta questões que informam sobre a caracterização sócio-demográfica e familiar dos participantes, designadamente o sexo, a idade, o nível de escolaridade, o estado civil, zona de residência habitual, com quem habita actualmente, o número de filhos, o sexo dos filhos. Para além da caracterização demográfica, inclui questões referentes à situação relacional dos participantes, nomeadamente o tempo do último casamento, o tempo do último divórcio e a situação relacional actual, e ainda referentes a questões pessoais como a religiosidade e a ocorrência de acompanhamento psicológico dos participantes.

2.6.2.2 Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)

Para além de um questionário demográfico, foi aplicado o Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – QDEP (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001; adaptação de Carapito, Pedro & Ribeiro, 2008) (ver **Anexo III**).

Da autoria de Robinson, Mandleco, Olsen e Hart (1995), o QDEP foi desenvolvido visando o alcance de dois objectivos fundamentais: por um lado, no sentido de constituir-se como uma medida empírica de avaliação de estilos parentais globais consistentes com os propostos por Baumrind (Autoritativo, Autoritário e Permissivo – os quais assentam em atitudes e valores parentais, suas crenças acerca da natureza da criança, assim como em práticas específicas utilizadas na socialização desta), e por outro, a identificação de práticas parentais específicas que decorrem no contexto destas tipologias.

Foram postulados inicialmente 133 itens (Robinson *e tal.*, 1995), contudo, após a redução do número de itens¹⁰ foram extraídos 62 itens, os quais foram agrupados em três estilos parentais, nomeadamente: 27 itens relativos ao estilo autoritativo, cuja consistência interna é de .91 (*alpha de Cronbach*); 20 relativos ao estilo autoritário e apresentam uma consistência interna de .86 (*alpha de Cronbach*); e 15 estão associados ao estilo permissivo, com uma consistência interna de .75 (*alpha de Cronbach*). É constatável que a correlação dos itens e das dimensões referentes a cada estilo é elevada, sendo que a escala apresenta uma boa

¹⁰ Através da rotação Varimax.

consistência interna ($>.70$). Para além disso, as características psicométricas deste instrumento mostram-nos que este é consistente com a tipologia triádica de Baumrind e que, consequentemente, esta tipologia é suportada empiricamente (Robinson *et al.*, 1995).

O estudo referente à adaptação deste instrumento à população portuguesa¹¹, analisou as características metrológicas do mesmo (QDEP *short version* – 32 itens; Robinson *et al.*, 2001), com uma amostra de 398 indivíduos casados ou em união de facto com filhos, e demonstrou igualmente uma elevada fiabilidade do instrumento, apresentando para o estilo autoritativo um *alpha* de Cronbach de .86, para o estilo autoritário um *alpha* de Cronbach de .82 e para o permissivo um *alpha* de .64.

Assim, este instrumento tem por objectivo avaliar empiricamente os estilos parentais de cada um dos pais e, a percepção de cada um sobre as práticas parentais do outro. Este instrumento, é constituído por uma versão “Mãe” e uma versão “Pai”, sendo que, cada uma delas apresenta 32 itens, para os quais as respostas aos mesmos enquadram-se numa escala de Likert¹², de 5 pontos, de acordo com a frequência em que ocorrem as situações descritas nas afirmações. Deste modo, estas duas secções diferem apenas em termos do género utilizado aquando da formulação dos vários itens.

A versão portuguesa apresenta¹³ na escala “Próprio” um *alpha* de .744 para mães e um *alpha* de .751 para pais; na escala “Outro” obteve-se um *alpha* de .770 para mães e um *alpha* de .777 para pais. Na amostra em estudo ($N = 60$), obteve-se uma consistência interna de .67 na escala “Próprio” (*alpha* de Cronbach) e de .81 na escala “Outro” (*alpha* de Cronbach)¹⁴, mantendo igualmente os bons níveis de fiabilidade do instrumento (ver **Quadro 2**).

Diversos são os contextos de aplicação deste questionário, assim como, vasta é a sua utilização. Segundo Robinson, Hart, Mandleco e Olsen (1996), este questionário pode ser transformado e utilizado em estudos intergeracionais (exemplificando o caso dos adultos

¹¹ Para a adaptação do instrumento, uma vez que se trata de uma escala ordinal, utilizou-se uma variante da análise em componentes principais – Análise das Ordens, que recorre à aplicação de uma matriz de correlação de *Spearman* (em vez da tradicional matriz de correlações de *Pearson*), tendo sido retirados (Carapito, Pedro & Ribeiro, 2008).

¹² *Nunca* (1), *Algumas Vezes* (2), *Metade das Vezes* (3), *Muitas Vezes* (4), e *Sempre* (5).

¹³ Com excepção dos itens 4, 10, 26 e 28, que não saturaram.

¹⁴ Optou-se por analisar a consistência unicamente para a escala “Próprio” e “Outro”, não tendo sido considerado importante discriminar as diferenças entre sexos dentro das próprias escalas.

serem avaliados sobre a forma como foram educados pelos seus pais e pelas suas mães, enquanto crianças). O questionário pode ainda permitir avaliar as diferenças nos estilos parentais entre a mãe e o pai face a factores culturais e sócio-económicos; avaliar as diferenças nos estilos parentais tendo em conta o stress parental e os comportamentos problemáticos das crianças; e ainda, avaliar a relação entre os estilos parentais e o comportamento das crianças em sala de aula, entre outros muitos contextos de aplicação (Robinson *et al.*, 1996).

Quadro 2: Valores de Consistência Interna da Amostra em Estudo (*alpha* de Cronbach)

	Adaptação Portuguesa (Carapito, Pedro e Ribeiro, 2008)	Amostra em Estudo (2010)
Estilo Parental do Próprio	Mães: 0,744 / Pais: 0,751	0,67
Estilo Parental do Outro	Mães: 0,770 / Pais: 0,777	0,81

2.6.3 Procedimento na Recolha e Tratamento dos Dados

Nos meses de Julho e Agosto de 2010, procedeu-se à aplicação do Questionário Sócio-demográfico e do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais aos indivíduos que constituem a amostra, tendo em conta a presença dos requisitos para este estudo – já mencionados anteriormente –, sendo-lhes previamente entregue um protocolo com as instruções necessárias à sua participação (ver **Anexo I**).

A administração dos instrumentos foi realizada maioritariamente junto dos casais, em espaços com condições necessárias à sua aplicação, sendo que, em alguns casos, os instrumentos foram entregues aos participantes e recolhidos posteriormente. Foi pedido aos participantes que respondessem às questões individualmente e de forma sincera, assim como foi também garantida a confidencialidade total dos dados.

Depois de todos os questionários terem sido aplicados, procedeu-se no mês de Setembro à introdução dos dados numa base de SPSS (versão 18.0 para Windows). Esta base de dados foi utilizada para todas as aplicações e análises efectuadas, tendo sido previamente reclassificadas as variáveis em estudo.

III. Resultados

3.1 Estilos Parentais e Variáveis Sócio-demográficas

Antes de mais, foram calculadas as médias de cada estilo parental¹⁵, tendo sido verificado que, no geral, os pais adoptam maioritariamente um estilo parental autoritativo ($M=4,2611$). De seguida, procedeu-se às análises relativas à influência das variáveis sócio-demográficas em cada estilo parental.

3.1.1 Estilos Parentais e Sexo

Foram analisados os coeficientes de simetria e achatamento¹⁶, os testes de ajustamento à normalidade¹⁷ e os *Q-Q plots* (ver **Anexo IV**), e assegurou-se a normalidade da variável “Outro Autoritário”. Para analisar a influência do sexo nesta variável, foi realizado um teste paramétrico *t-student*, tendo sido também assegurada a homogeneidade das variâncias¹⁸. Para as variáveis que não asseguraram todos os pressupostos exigidos da distribuição normal (Próprio Permissivo, Próprio Autoritário, Próprio Autoritativo, Outro Permissivo e Outro Autoritativo), foi realizado o teste não-paramétrico de *Mann-Whitney U* para o mesmo efeito.

Foi possível verificar que a variável sexo exerce influência apenas nos estilos parentais “Próprio Permissivo” (valor de teste standardizado = 2,489 e valor $p = 0,013$) e “Outro Autoritativo” (valor de teste standardizado = -3,286 e valor $p = 0,01$), isto é, apenas existem diferenças significativas nestes dois estilos, no que se refere ao sexo, a um nível de significância de 0,05. Para compreender de que modo variam estes estilos com o sexo, procedeu-se a uma comparação das médias das ordens de ambos os sexos, em cada estilo parental, onde se conclui que as mulheres apresentam valores mais altos de estilo “Próprio Permissivo” do que os homens, e os homens mostram uma maior percepção de “Outro Autoritativo” em relação às mulheres (ver **Quadro 3**).

¹⁵ Próprio Permissivo: $M=2,0611$; Próprio Autoritário: $M=1574$; Outro Permissivo: $M=2,133$; Outro Autoritário: $M=2,1556$; Outro Autoritativo: $M=3,8600$.

¹⁶ Para que uma distribuição se possa assumir como normal, os valores dos coeficientes descritos devem ser próximos de 0, isto é, dentro de um intervalo $]-0,5; 0,5[$ (Maroco, 2007).

¹⁷ Segundo Maroco (2007), o teste mais utilizado para testar a normalidade é o teste de *Kolmogorov-Sminorv*.

¹⁸ Teste de *Levene* para homogeneidade das variâncias do estilo Outro Autoritário: $Levene = 0,029$ e valor $p = 0,865$.

Quadro 3: Análise Descritiva da Influência do Sexo nos Estilos Parentais

	Sexo	N	<i>Médias das Ordens</i>
E.P. Próprio Permissivo	Feminino	32	35,67
	Masculino	28	24,59
E.P. Outro Autoritativo	Feminino	32	23,58
	Masculino	28	38,41

3.1.2 Estilos Parentais e Nível de Escolaridade

Depois de analisar os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, verificou-se a não normalidade das variáveis em estudo. Deste modo, para analisar a influência do nível de escolaridade nos estilos parentais (percepção do próprio e percepção do outro) foi realizado o teste não-paramétrico de *Kruskal-Wallis*.

Foi possível verificar que a variável nível de escolaridade exerce influência nos estilos parentais “Próprio Autoritativo” e “Outro Autoritário”, tendo-se feito, de seguida, uma comparação das médias das ordens para compreender como variam estes estilos parentais de acordo com o nível de escolaridade. A partir das análises efectuadas, conclui-se que os pais com um nível de escolaridade inferior mostram-se menos autoritativos do que pais com o ensino superior (valor de teste = 8,179 e valor $p = 0,042$). Conclui-se ainda que os pais com um nível de escolaridade inferior, neste caso com 7-9 anos de escolaridade, avaliam o estilo parental do outro como mais autoritário, do que os pais com um nível de escolaridade superior (valor de teste = 7,976 e valor $p = 0,047$) (ver **Quadro 4**).

Quadro 4: Análise Descritiva da Influência do Nível de Escolaridade nos Estilos Parentais

	Nível de Escolaridade	N	<i>Médias das Ordens</i>
E.P. Próprio Autoritativo	7-9 anos de escolaridade	6	13,50
	10-12 anos de escolaridade	15	30,00
	Frequência Universitária	6	25,42
	Ensino Superior	33	34,74
E.P. Outro Autoritário	7-9 anos de escolaridade	6	41,25
	10-12 anos de escolaridade	15	33,90
	Frequência Universitária	6	14,50
	Ensino Superior	33	29,91

3.1.3 Estilos Parentais e Estado Civil

Tendo sido analisados simultaneamente os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, assegurou-se a normalidade das variáveis “Próprio Autoritativo”, “Outro Permissivo” e “Outro Autoritário”. Para analisar a influência do estado civil nestas variáveis, foi realizado um teste paramétrico *t-student*, tendo sido também assegurada a homogeneidade das variâncias¹⁹. Para as variáveis que não asseguraram todos os pressupostos exigidos da distribuição normal (Próprio Permissivo, Próprio Autoritário e Outro Autoritativo), foi realizado o teste não-paramétrico de *Mann-Whitney U* para o mesmo efeito.

Das análises efectuadas, verificou-se que o estado civil exerce influência no estilo parental “Outro Autoritário” ($t = -2,625$; valor $p = 0,011$), com um nível de significância de 0,05. Quando comparadas as médias, foi possível verificar que, de facto, os pais divorciados/separados avaliam mais o outro como autoritário, do que os pais casados (ver **Quadro 5**). Foi também verificada uma influência do estado civil nos estilos parentais “Próprio Autoritário” (valor de teste estandardizado = 2,472; valor $p = 0,013$) e “Outro Autoritativo” (valor de teste estandardizado = -3,656 e valor $p = 0,000$). Quando comparadas as médias das ordens, concluiu-se que os pais divorciados/separados revelam mais o estilo autoritário do que os pais casados, e que os pais casados avaliam mais o outro como autoritativo do que os pais divorciados/separados (ver **Quadro 6**)

Quadro 5: Análise Descritiva da Influência do Estado Civil nos Estilos Parentais (Outro Autoritário)

	Estado Civil	N	Média
E.P. Outro Autoritário	Casado	30	2,0074
	Divorciado/Separado	30	2,3037

¹⁹ Próprio Autoritativo: *Levene* = 0,806 e valor $p = 0,373$; Outro Permissivo: *Levene* = 7,027 e valor $p = 0,10$; Outro Autoritário: *Levene* = 0,720 e valor $p = 0,400$.

Quadro 6: Análise Descritiva da Influência do Estado Civil nos Estilos Parentais (Próprio Autoritário e Outro Autoritativo)

	Estado Civil	N	Média das Ordens
E.P. Próprio Autoritário	Casado	30	24,97
	Divorciado/Separado	30	36,03
E.P. Outro Autoritativo	Casado	30	38,73
	Divorciado/Separado	30	22,27

3.2 Estilos Parentais de Pais Casados²⁰ e Variáveis Sócio-demográficas

3.2.1 Estilos Parentais de Pais Casados e Sexo

Tendo sido analisados simultaneamente os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, assegurou-se a normalidade das variáveis “Próprio Autoritativo”, “Outro Permissivo” e “Outro Autoritário”. Para analisar a influência do sexo nestas variáveis, em pais casados, foi realizado um teste paramétrico *t-student*, tendo sido também assegurada a homogeneidade das variâncias²¹. Nos casos em que não foram assegurados os pressupostos de normalidade (Próprio Permissivo, Próprio Autoritário e Outro Autoritativo), foi realizado um teste não-paramétrico de *Mann-Whitney U*, para o mesmo efeito. Das análises efectuadas, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos estilos parentais em relação ao sexo.

3.2.2 Estilos Parentais de Pais Casados e Nível de Escolaridade

Depois de analisar os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, verificou-se a não normalidade das variáveis em estudo. Deste modo, para analisar a influência do nível de escolaridade nos estilos parentais de pais casados foi realizado o teste não-paramétrico de *Kruskal-Wallis*. Das análises efectuadas, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos estilos parentais em relação ao nível de escolaridade.

²⁰ Para considerar apenas os pais casados da amostra total da base de dados (N = 60), foi feito um recorte estatístico onde se seleccionaram apenas os casais que verificaram a condição “estado civil = casado”.

²¹ Próprio Autoritativo: *Levene* = 0,063 e valor *p* = 0,804; Outro Permissivo: *Levene* = 7,201 e valor *p* = 0,657; Outro Autoritário: *Levene* = 0,542 e valor *p* = 0,468.

3.2.3 Estilos Parentais de Pais Casados e Tempo de Casamento

Depois de analisar os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, verificou-se a não normalidade das variáveis em estudo. Deste modo, para analisar a influência do tempo de casamento nos estilos parentais de pais casados foi realizada uma Correlação de *Spearman*, não tendo sido encontradas correlações significativas nas análises efectuadas.

3.2.4 Estilos Parentais de Pais Casados e Número de Filhos

Depois de analisar os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, verificou-se a não normalidade das variáveis em estudo. Deste modo, para analisar a influência do número de filhos nos estilos parentais de pais casados foi realizada uma Correlação de *Spearman*, não tendo sido encontradas correlações significativas nas análises efectuadas.

3.2.5 Estilos Parentais de Pais Casados e Agregado Familiar

Depois de analisar os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, verificou-se a não normalidade das variáveis em estudo. Deste modo, para analisar a influência do agregado familiar nos estilos parentais de pais casados foi realizado o teste não-paramétrico de *Kruskal-Wallis*, não tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas.

3.2.6 Correlações entre os Estilos Parentais de Pais Casados

Depois de analisar os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, verificou-se a não normalidade das variáveis em estudo. Deste modo, para analisar a correlação existente entre os estilos parentais (percepção do próprio e percepção do outro) de pais divorciados/separados foi realizada uma Correlação de *Spearman*.

Das análises efectuadas, verificaram-se correlações positivas fortemente significativas entre as variáveis “Próprio Permissivo” e “Outro Permissivo”, “Próprio Autoritário” e “Outro Autoritário” e entre as variáveis “Próprio Autoritativo” e “Outro Autoritativo”, o que significa que quando uma das variáveis aumenta a outra também aumenta, traduzindo assim uma concordância entre a percepção do próprio e a percepção do outro, em todos os estilos parentais, nos pais casados (ver **Quadro 7**).

Quadro 7: Correlações obtidas entre os Estilos Parentais de Pais Casados (*Próprio e Outro*)

	Outro Permissivo	Outro Autoritário	Outro Autoritativo
Próprio Permissivo			
<i>Coeficiente de Spearman</i>	0,784**		
<i>Valor p</i>	0,000		
Próprio Autoritário			
<i>Coeficiente de Spearman</i>		0,708**	
<i>Valor p</i>		0,000	
Próprio Autoritativo			
<i>Coeficiente de Spearman</i>			0,564**
<i>Valor p</i>			0,001

** Correlação é significativa ao nível 0,01.

3.3 Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados²² e Variáveis Sócio-demográficas

3.3.1 Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e Sexo

Depois de analisar os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, verificou-se a não normalidade das variáveis em estudo. Deste modo, para analisar a influência do sexo nos estilos parentais de pais divorciados/separados foi realizado um teste não-paramétrico de *Mann-Whitney U*.

Das análises efectuadas, encontraram-se diferenças significativas nas variáveis “Próprio Permissivo” e “Outro Autoritativo”, isto é, o sexo parece exercer influência nestas duas variáveis (Próprio Permissivo: valor de teste standardizado = 3,498 e valor $p = 0,000$; Outro Autoritativo: valor de teste standardizado = -3,498 e valor $p = 0,000$). Depois de comparar as médias das ordens, concluímos que as mulheres divorciadas/separadas avaliam-se como mais permissivas do que os homens divorciados/separados. Concluímos ainda que os homens divorciados/separados avaliam a mãe do(s) seu(s) filho(s) como mais autoritativa do que as mulheres divorciadas/separadas avaliam o pai do(s) seu(s) filho(s) (ver **Quadro 8**).

²² Para considerar apenas os pais divorciados/separados da amostra total da base de dados (N = 60), foi feito um recorte estatístico onde se seleccionaram apenas os casais que verificaram a condição “estado civil = divorciado/separado”.

Quadro 8: Análise Descritiva da Influência do Sexo nos Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados

	Sexo	N	<i>Médias das Ordens</i>
E.P. Próprio Permissivo	Feminino	16	20,79
	Masculino	14	9,57
E.P. Outro Autoritativo	Feminino	16	10,25
	Masculino	14	21,50

3.3.2 Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e Nível de Escolaridade

Depois de analisar os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, verificou-se a não normalidade das variáveis em estudo. Deste modo, para analisar a influência do nível de escolaridade nos estilos parentais de pais divorciados/separados foi realizado um teste não-paramétrico de *Mann-Whitney U*.

Das análises efectuadas, não foram encontradas diferenças significativas nos estilos parentais dos pais/divorciados em relação ao seu nível de escolaridade.

3.3.3 Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e Tempo de Divórcio/Separação

Depois de analisar os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, verificou-se a não normalidade das variáveis em estudo. Deste modo, para analisar a influência do tempo de divórcio/separação nos estilos parentais de pais divorciados/separados foi realizada uma Correlação de *Spearman*.

Das análises efectuadas, foi encontrada uma correlação positiva significativa na variável “Outro Permissivo”, isto é, concluímos que estas variáveis se comportam de forma directamente proporcional, em que quando uma aumenta a outra também aumenta. Podemos concluir, a um nível de significância de 0.05, que quanto maior o tempo de separação/divórcio (em anos), mais as mães e os pais divorciados/separados avaliam o outro como mais permissivo (ver **Quadro 9**)

Quadro 9: Correlações obtidas entre os Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e o Tempo de Divórcio/Separação

Estilo Parental	Tempo de Separação/Divórcio	
	Correlação de Spearman (r_s)	Valor p
Próprio Permissivo	-0,222	0,239
Próprio Autoritário	-0,101	0,595
Próprio Autoritativo	0,216	0,252
Outro Permissivo	0,372*	0,043
Outro Autoritário	-0,183	0,332
Outro Autoritativo	0,221	0,240

* Correlação é significativa ao nível 0,05

3.3.4 Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e Número de Filhos

Depois de analisar os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, verificou-se a não normalidade das variáveis em estudo. Deste modo, para analisar a influência do número de filhos nos estilos parentais de pais divorciados/separados foi realizada uma Correlação de *Spearman*.

Das análises efectuadas, foi encontrada uma correlação positiva significativa na variável “Outro Permissivo”, isto é, concluímos que quanto maior o número de filhos, os pais e mães divorciados/separados tendem a avaliar o outro como mais permissivo, a um nível de significância de 0,01 (ver **Quadro 10**)

Quadro 10: Correlações obtidas entre os Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e o Número de Filhos

Estilo Parental	Número de Filhos	
	Correlação de Spearman (r_s)	Valor p
Próprio Permissivo	0,147	0,439
Próprio Autoritário	0,089	0,642
Próprio Autoritativo	0,219	0,244
Outro Permissivo	0,486**	0,006
Outro Autoritário	0,358	0,052
Outro Autoritativo	0,039	0,839

** Correlação é significativa ao nível 0,01.

3.3.5 Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados e Agregado Familiar

Depois de analisar os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, verificou-se a não normalidade das variáveis em estudo. Deste modo, para analisar a influência do agregado familiar nos estilos parentais de pais divorciados/separados foi realizado o teste não-paramétrico de *Kruskal-Wallis*.

Das análises efectuadas, foram encontradas diferenças significativas na variável “Próprio Permissivo” (valor de teste = 15,224 e valor $p = 0,004$), ou seja, através da análise das médias das ordens, concluímos que os pais e as mães divorciados/separados que vivem com os seus filhos avaliam-se como sendo mais permissivos do que os pais e as mães divorciadas/separadas com um agregado familiar diferente (ver **quadro 11**).

Quadro 11: Análise Descritiva da Influência do Agregado Familiar nos Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados

	Agregado Familiar	N	Médias das Ordens
E.P. Próprio Permissivo	Sozinho/a	5	9,90
	Filhos	15	21,07
	Namorado/a	4	9,38
	Namorado/a e Enteados(s)	3	4,33
	Namorado/a e Filho(s)	3	16,33

3.3.6 Correlações entre os Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados

Depois de analisar os coeficientes de simetria e achatamento, os testes de ajustamento à normalidade e os *Q-Q plots*, verificou-se a não normalidade das variáveis em estudo. Deste modo, para analisar a correlação existente entre os estilos parentais (percepção do próprio e percepção do outro) de pais divorciados/separados foi realizada uma Correlação de *Spearman*.

Das análises efectuadas, verificaram-se correlações positivas fortemente significativas entre as variáveis “Próprio Autoritário” e “Outro Autoritário” e entre as variáveis “Próprio Autoritativo” e “Outro Autoritativo”, o que significa que quando uma das variáveis aumenta a outra também aumenta. Encontrou-se ainda uma correlação negativa, ainda que não tão significativa como as anteriores, entre o estilo parental “Próprio Autoritário” e “Outro Autoritativo”, o que significa que estas variáveis estão inversamente correlacionadas, em que quando uma delas aumenta a outra diminui (ver **Quadro 12**)

Quadro 12: Correlações obtidas entre os Estilos Parentais de Pais Divorciados/Separados
(*Próprio e outro*)

	Outro Permissivo	Outro Autoritário	Outro Autoritativo
Próprio Permissivo			
<i>Coeficiente de Spearman</i>	-0,282		
<i>Valor p</i>	0,149		
Próprio Autoritário			
<i>Coeficiente de Spearman</i>		0,488**	-0,428*
<i>Valor p</i>		0,006	0,018
Próprio Autoritativo			
<i>Coeficiente de Spearman</i>			0,481**
<i>Valor p</i>			0,007

** Correlação é significativa ao nível 0,01.

* Correlação é significativa ao nível 0,05

IV. Discussão dos Resultados

Através da análise dos resultados apresentados no capítulo anterior, conseguimos responder à questão inicial do estudo e compreender que, de facto, os estilos parentais, da percepção do próprio e do outro, variam de acordo com algumas variáveis sócio-demográficas dos pais, embora nem sempre de forma consistente com a literatura já conhecida, como abordaremos de seguida.

Em relação à influência do sexo, ainda que todas as mães e todos os pais tenham demonstrado um padrão maioritariamente autoritativo, podemos verificar que as mulheres apresentam valores mais altos do estilo permissivo em relação aos homens. Este resultado é consistente com os estudos de Conrade e Ho (2001), onde se reflecte sobre a hipótese de a mãe procurar compensar os filhos das táticas mais punitivas e autoritárias características dos pais (Grigorenko & Sternberg, 2000), adoptando uma atitude mais permissiva. Além disso, não nos podemos esquecer das *novas formas de ser mãe*, traduzidas numa conciliação de carreiras pessoal e profissional e em novas exigências, e que nos levam a sentir um possível “apagamento” (Relvas & Alarcão, 2007) das mães devido à maior absorção nas inúmeras tarefas para cumprir, contabilizando-se um menor tempo passado com os filhos. Ainda assim, o estilo parental predominante foi, sem dúvida, o estilo autoritativo, e o facto de as mães evitarem um comportamento punitivo e adoptarem uma postura mais aceitante face aos impulsos, desejos e acções da criança (Baumrind, 1966) em comparação com os pais, vai ao encontro de uma maior responsividade por parte das mães (Conrade & Ho, 2001).

Desta análise conclui-se ainda que os homens mostram uma maior percepção do outro como sendo mais autoritativo. Este último resultado corrobora o estudo de Winsler e colaboradores (2005), sendo possível concluir que existe uma forte tendência para os pais verem as mães dos seus filhos como mais autoritativas do que si próprios. De facto, os pais parecem reconhecer a maior sensibilidade e maior expressividade das mulheres para a prática e envolvimento na parentalidade, reconhecendo também a sua própria propensão natural para uma maior “instrumentalização” na educação dos seus filhos, ainda que não tenham sido observados valores significativamente mais altos de estilo autoritário, como parece cada vez mais recorrente nas investigações recentes (e.g. Conrade & Ho, 2001). No entanto, é importante atender ao facto de que esta análise não contemplou o sexo dos filhos, que parece também ser importante nos estilos parentais dos pais, sendo que as mães parecem usar mais

um estilo permissivo com filhos rapazes, enquanto os pais parecem adoptar mais um estilo autoritário (Conrade & Ho, 2001).

Em relação à influência do nível de escolaridade nos estilos parentais, os pais com um nível de escolaridade inferior mostram-se menos autoritativos do que pais com um nível de escolaridade superior, corroborando alguns estudos apresentados na revisão de literatura (e.g.: Barret, Singer & Weinstein, 2000). Pais com um nível de escolaridade superior, para além de serem verbalmente mais fluentes com os filhos (Hoff-Ginsberg & Tardiff, 1995; cit. por Vandesplas-Holper, Roskam & Pirot, 2006), parecem adoptar comportamentos mais tolerantes e assertivos, em vez de controladores, negligentes ou ausentes.

Ainda em relação ao nível de escolaridade, demonstrou-se que pais com um nível de escolaridade inferior avaliam o outro como mais autoritário do que pais com um nível de escolaridade superior. Apesar de não terem sido encontrados estudos relativos à percepção do outro em função do nível de escolaridade, e sabendo que o prolongamento da escolaridade transforma a maneira de estar do indivíduo dando-lhe, entre outras coisas, competências de análise crítica (Cruz, 2000), podemos talvez atribuir aos pais com um nível de escolaridade inferior uma menor capacidade para perceber o outro de forma positiva. O facto de se preocuparem mais com o poder manifesto dos filhos (Bronfenbrenner, 1958; cit. por Cruz, 2000) e de apresentarem reacções emocionais negativas face ao comportamento inadequado dos filhos (Mills & Rubin, 1990), pode estar relacionado com o facto de se focalizarem mais nos comportamentos manifestos e conceberem, portanto, o/a seu/sua esposo/a com ideias e comportamentos mais autoritários. Podemos ainda pensar na hipótese de os pais com um nível inferior de escolaridade não terem tantos recursos intelectuais e críticos para discriminar e diferenciar no/a seu/sua esposo/esposa, os comportamentos autoritários que, segundo Baumrind (1966), fazem uso do controlo e punição característicos do estilo autoritário, daqueles que se prendem com um controlo mais assertivo característico do estilo autoritativo.

Quanto à influência do estado civil nos estilos parentais, observámos que os pais divorciados/separados pontuam níveis mais altos do estilo autoritário em comparação com os pais casados. Este resultado pode ser pensado tendo em conta a ansiedade, insegurança, depressão, raiva que os pais e as mães divorciados/separados sentem nos primeiros anos após o divórcio ou separação (Cruz, 2000), que pode levar a uma deterioração da relação entre pais e filhos havendo menos afecto, consistência e responsividade (Hetherington, Cox & Cox, 1982), em comparação com os pais casados.

Foi também demonstrado que os pais divorciados/separados parecem avaliar o outro como mais autoritário do que os pais casados. Este resultado parece ir de encontro ao facto de os pais divorciados/separados terem provavelmente uma visão mais negativa do outro, por um lado, pelos já referidos conflitos relacionais e sentimentos negativos inerentes ao processo de divórcio, e, por outro, pelo facto de estarem muito ligados a questões relacionadas com a avaliação da custódia dos filhos, em que as lutas paternais e, muitas vezes, o envolvimento de técnicos de advocacia, parecem dar forma a uma tendência para uma avaliação mais negativa da parentalidade do outro, neste caso, mais agressiva e punitiva.

Por último, observámos que os pais casados avaliam o outro como mais autoritativo do que os pais divorciados/separados. Este resultado parece consistente com a maior satisfação conjugal característica de pais casados, remetendo para uma percepção mais positiva do outro. Contrariamente ao que Winsler e os colaboradores (2005) demonstraram, observamos que os pais e mães autoritativos parecem procurar companheiros/as igualmente autoritativos/as, manifestando uma maior concordância inter-parental (Block *et al.*, 1981). De uma forma geral, estes foram os resultados encontrados no que diz respeito à influência do sexo, nível de escolaridade e estado civil nos estilos parentais (**1ª QI**).

Em relação à **2ª QI**, o objectivo era comparar e compreender a influência do sexo nos estilos parentais de pais casados e de pais divorciados/separados. Observámos que as mães divorciadas/separadas se avaliam como mais permissivas do que os homens divorciados/separados. Embora mais autoritários do que os pais casados, como vimos na análise anterior, os pais e as mães divorciados/separados parecem comportar diferenças no estilo permissivo em função do seu sexo. As mães parecem mostrar uma maior permissividade em relação aos homens, talvez abdicando do seu papel de disciplinadoras e orientadoras pelo desejo que têm de compensar os filhos do sofrimento que o divórcio lhes causou, como sugeriu Lazar e os colaboradores (2009). Devemos dar igualmente atenção ao facto de as mães experimentarem períodos mais longos de depressão pós-divórcio (Hetherington *et al.*, 1982) em relação aos homens, podendo enfraquecer, por vezes, o envolvimento na parentalidade.

Vimos ainda que os homens divorciados/separados avaliam a mãe do(s) seu(s) filho(s) como mais autoritativas. Este resultado não parece congruente com a sugestão dada, em análises anteriores, de que os pais divorciados/separados possam ter uma percepção mais negativa do outro, no entanto, podemos reflectir sobre a hipótese de existir uma variação em relação ao sexo, tendo em conta que os homens e as mulheres têm modos diferentes de

expressar e reagir ao afecto negativo (Relvas & Alarcão, 2006). Terão os pais menos sentimentos de revolta e de vingança e estarão mais aptos para avaliar positivamente a mãe nas suas funções parentais, em comparação com as mulheres?

Em relação aos pais casados, não foram encontradas diferenças relativas ao sexo. Esta ausência de resultados pode estar relacionada com o facto de a amostra ser pequena e pouco representativa da população e/ou, de certo modo, estar abafada pelas crescentes e complexas transformações da sociedade actual, caminhando para uma uniformização de papéis parentais.

Em relação à **3ª QI**, o objectivo era comparar e compreender a influência do nível de escolaridade nos estilos parentais de pais casados e de pais divorciados/separados. Não foram encontrados resultados significativos, pelo que podemos atribuir aqui o facto de a amostra de pais casados e de pais divorciados/separados ser muito reduzida ($N = 30$), pois quando considerámos os pais globalmente ($N = 60$) verificámos existir influência do nível de escolaridade, como vimos anteriormente na primeira análise.

Quanto à **4ª QI**, o objectivo era comparar e compreender a influência do tempo de casamento e do tempo de divórcio/separação nos estilos parentais de pais casados e de pais divorciados/separados. Os resultados obtidos mostram-nos que, quanto mais aumenta o tempo desde o divórcio/separação, mais tendência há para as mães e os pais avaliarem o outro como mais permissivo. Este resultado pode ser pensado tendo em conta os estudos de Hetherington (1993), em que se parte do pressuposto que o padrão irregular de interações entre pais e filhos, intercaladas entre visitas de um pai e outro, pode afectar a relação entre pais e filhos, havendo a tendência para assumir uma relação de companheirismo. Assim, este regime inconstante pode tornar o pai cada vez menos presente e isso ser visto, por parte da mãe, como um menor envolvimento deste e uma postura demasiado permissiva.

Em relação aos estilos parentais dos pais casados, não foi encontrada nenhuma influência do tempo de casamento, contrariamente ao que sugeria a revisão da literatura. Tendo em conta que os pais do presente estudo se enquadram na etapa do ciclo de vida familiar de *pais com filhos na escola* (Alarcão, 2006), deparam-se com a exigência e a necessidade de um movimento saudável de autonomia e separação na relação com os filhos, ao mesmo tempo que investem cada vez mais profissionalmente (Relvas & Alarcão, 2006), sendo claramente um período cheio de desafios, que podem acarretar com eles algumas reacções negativas na conjugalidade e/ou parentalidade, sendo estranho o facto de não termos obtido resultados neste ponto. Se considerarmos, no entanto, que entre o terceiro e o sétimo

ano de casamento emerge o período com mais incertezas para os elementos da díade, fortemente preenchido por tonalidades conflituais (Frank-Lynch, 1986; cit. por Relvas e Alarcão, 2006), e tendo em conta que na presente amostra os pais apresentam um tempo de casamento que varia entre 7 a 26 anos (ver **Gráfico 1**), o presente estudo não assiste ao período em que se poderia talvez verificar um maior impacto nos estilos parentais. Contudo, não podemos deixar de referir, neste caso, o facto de a amostra de pais casados ser reduzida e pouco representativa de resultados significativos.

Em relação ao objectivo da **5ª QI**, isto é, comparar e compreender a influência do número de filhos nos estilos parentais de pais casados e de pais divorciados/separados, observámos que, no caso dos pais e mães divorciados/separados, quanto maior o número de filhos mais tendência há para avaliar o outro como mais permissivo. Como vimos na literatura, parece haver realmente uma correlação positiva entre o número de filhos e uma menor responsividade por parte dos pais (Kidwell, 1981; Roskam & Meunier, 2009). No entanto, assistimos aqui a uma avaliação de menor responsividade mas apenas em relação ao outro. Isto pode ser explicado e compreendido pelo facto de os parceiros insatisfeitos (neste caso, devido ao divórcio/separação) terem uma maior tendência para ver a causa dos acontecimentos conjugais negativos como sendo localizados no outro e tentarem fazer atribuições que maximizam o impacto do comportamento negativo e minimizam o impacto do comportamento positivo (Fincham & Grych, 1991; cit. por Relvas & Alarcão, 2006). Não nos podemos esquecer do regime inconstante de visitas dos pais, supra-mencionado, que, aliado ao maior número de filhos, pode suscitar uma maior dificuldade na educação de todos eles e, com isso, suscitar uma hetero-avaliação de uma atitude mais permissiva.

Quanto à **6ª QI**, o objectivo passava por comparar e compreender a influência do agregado familiar nos estilos parentais de pais casados e de pais divorciados/separados, e verificámos que os pais e as mães divorciados/separados que vivem com os seus filhos, avaliam-se como sendo mais permissivos do que os pais e mães divorciados/separados que vivem com um agregado familiar diferente (namorado/a, enteado(s), sozinho, etc.). Este resultado, ainda que consistente com os estudos de Hetherington e colaboradores (1982, 1989), suscita algumas interrogações. De facto, as múltiplas exigências parentais entregues a um pai que viva sozinho com os filhos, parecem contribuir para o decréscimo da sua capacidade de dar monitorização (Hetherington et al., 1982; Hetherington et al., 1989; Wallerstein, 1983), revelando estilos parentais mais permissivos. No entanto, parece crucial o controlo do comportamento e a definição de limites, bem como o estabelecimento de uma

relação de qualidade, para o bom desenvolvimento dos filhos, como vimos na literatura. Deste modo, questiona-se a importância de obter a custódia dos filhos para exercer boas práticas parentais.

Por fim, quanto à **7ª QI**, tínhamos como objectivo observar e compreender a correlação entre os estilos parentais, nomeadamente entre a percepção do próprio e do outro, nos pais casados e nos pais divorciados/separados. Observámos, nos pais casados, uma correlação positiva significativa entre a avaliação do próprio e a avaliação do outro, isto é, parece existir uma forte concordância inter-parental em relação aos estilos parentais adoptados por pais casados. Quanto aos pais divorciados/separados não observámos a mesma linearidade, pois só se verificou uma correlação positiva entre a avaliação do próprio e do outro apenas nos estilos parentais autoritário e autoritativo. Verificou-se ainda uma correlação negativa entre uma avaliação do estilo parental autoritário do próprio e do estilo parental autoritativo do outro, que nos diz que, quando os pais divorciados/separados se avaliam mais autoritariamente, avaliam menos o outro como autoritativo, e vice-versa. Estas diferenças de concordância verificadas entre os pais casados e os pais divorciados/separados, remetem-nos, uma vez mais, para a influência da (in)satisfação conjugal na prática e/ou percepção da parentalidade. Os conflitos conjugais e os conflitos entre pais e filhos constituem factores de stress que se replicam em problemas adicionais, seja para a relação entre pais e filhos, seja para a relação entre pais e mães (Margolin, 1981; cit. por Erel & Burman, 1995). Como podemos adiantar, a educação dos filhos parece ser, inevitavelmente, um tema de disputa entre os pais (Block et al., 1981).

Em relação às discordâncias encontradas em pais divorciados/separados, podemos pensar sobre o facto de as discordâncias inter-parentais surgirem devido aos diferentes limites emocionais estabelecidos com filhos rapazes e filhos raparigas que se criam diferenciadamente entre os pais e as mães (Block et al., 1981). No entanto, o facto de não se manifestarem nos pais casados, sugere-nos, de facto, a influência da (maior) instabilidade conjugal nos pais divorciados/separados. Esta relação negativa ou conflituosa entre os pais, provocada pela raiva e/ou desilusão que sentem um pelo outro, pela dificuldade de articulação de interesses e necessidades emocionais e materiais, pela interacção com as famílias de origem do antigo parceiro e pelas triangulações disfuncionais facilmente criadas (Relvas & Alarcão, 2006), provoca um desequilíbrio emocional nos pais, influenciando os seus comportamentos parentais (Erel & Burman, 1995), e sendo, por fim, relativamente espectável esta discordância em relação aos estilos parentais.

V. Conclusão

“Depois de as folhas terem caído, regressamos a um simples sentido das coisas.”

Wallace Stevens

Apontamos, como principais conclusões deste estudo, a influência evidente das variáveis sócio-demográficas nos estilos parentais adoptados e percebidos pelos pais, ainda que a comportar padrões cada vez menos consensuais; bem como a existência de algumas diferenças entre os estilos parentais de pais casados e pais divorciados/separados, nomeadamente na forma como estes são ou não influenciados pelas variáveis sócio-demográficas estudadas, mas também a existência de semelhanças, nomeadamente o facto de ambos os pais, casados e divorciados/separados, demonstrarem maioritariamente um estilo parental autoritativo.

Como vimos, crescem as novas formas de relação entre pais e filhos, e entre pais e mães, apresentando contornos em constante transformação. Ao mesmo tempo que verificamos e compactuamos com os padrões tradicionais (por exemplo, observamos e compreendemos que os pais com um nível de escolaridade inferior adoptam um estilo menos autoritativo com os filhos), semeamos também novas possibilidades de *(des)complexificar* essas visões (por exemplo, o facto de termos obtido e compreendido a existência de diferenças na concordância inter-parental de pais divorciados/separados).

Como limitações deste estudo, podemos apontar a falta de homogeneidade da amostra, que não apresenta uma variedade desejada quanto a algumas características dos indivíduos, nomeadamente quanto ao nível de escolaridade (maioria dos pais com ensino superior), ao agregado familiar (maioria dos pais a viver com os filhos), e mesmo ao sexo (relativamente mais mães do que pais). Podemos também analisar como limitação, o facto de o instrumento utilizado para avaliar os estilos parentais, o QDEP, demonstrar um grau de desejabilidade social, sendo que certos itens transmitem uma imagem culturalmente aceitável de acordo com as normas sociais, levando os participantes a responderem tendencialmente em conformidade com essas normas. Ainda em relação ao QDEP, podemos referir uma possível limitação relacionada com uma menor propensão para avaliar o estilo permissivo dos pais, dado que este possui significativamente menos itens (3 itens) do que os estilos autoritativo e autoritário (15 e 9 itens, respectivamente). Outra limitação prende-se naturalmente com a reduzida

dimensão da amostra, principalmente tendo em conta os recortes efectuados para obter diferenciadamente pais casados e pais divorciados/separados. Esta última limitação pode estar na base da possível ocorrência dos habituais erros de tipo 1 e erros de tipo 2, em que podemos não ter detectado resultados que poderiam ser significativamente estatísticos (erros de *falsos negativos*), e poderemos ter observado e abordado resultados que talvez não existissem caso a amostra fosse maior (erros de *falsos positivos*).

Contudo, as teorias sistémicas enfatizam a importância de perceber, não só os elementos individuais de um sistema, mas também a forma como os elementos estão inter-relacionados entre si e como as partes estão relacionadas com o todo (Bateson, 1972). Importa assim apontar, como uma força deste estudo, o facto de se terem estudado as auto e hetero-avaliações dos pais, espelhando uma imagem mais complexa e holística dos estilos parentais. Aponta-se ainda, como aspecto positivo, o facto de se ter considerado uma boa diversidade de variáveis sócio-demográficas, capazes de suscitar cada vez mais interrogações, e alargando assim, as possibilidades e os horizontes de futuras investigações.

Poderá ser, de facto, interessante avaliar futuramente as práticas e os estilos parentais através de mais do que um instrumento, nomeadamente através da percepção que os filhos têm relativamente aos estilos parentais dos pais, de modo a observar e compreender se existirá alguma concordância entre a percepção dos pais e dos filhos, inclusivamente com pais casados e divorciados/separados. Também se considera proeminente sugerir um estudo futuro em que se recorra a uma metodologia mista, com uma abordagem quantitativa e qualitativa (entrevistas, auto-relatos), para avaliar os estilos parentais e a percepção inter-parental, de forma a desenvolver um olhar mais sistémico e abrangente.

Por fim, é importante deixar claro que não se ambiciona, com este estudo, que seja mais uma investigação sobre estilos parentais, com todas as habituais estigmatizações de diferenças de sexo, de escolaridade, de estado civil, até porque a reduzida amostra não nos permite nem pretende tal generalização. Contudo, que seja sim, mais uma oportunidade para reflectir sobre a importância de olharmos e pensarmos a família, *(des)complexificando-a*.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2006). *(Des) Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Avenevoli, S., Sessa, F. M., & Steinberg, L. (1999). Family structure, parenting practices, and adolescent adjustment: An ecological examination. In E. M. Hetherington (Ed.), *Coping with divorce, single parenting, and remarriage* (pp. 65 – 90). Mahway, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Barber, B. K. (2002). Reintroducing parental psychological control. In Barber, B. K. (Ed). *Intrusive Parenting: how psychological control affects children and adolescents*. (Pp. 3 – 13). Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Barrett Singer, A. T. & Weinstein, R. S. (2000). Differential parental treatment predicts achievement and selfperceptions in two cultural contexts. *Journal of Family Psychology*, 14(3), 491 -509.
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37 (4): 887-907.
- Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs. authoritative parental control. *Adolescence*, 3 (11): 255-272.
- Baumrind, D. (1973). The development of instrumental competence through socialization. In A. Pick (Ed.), *Minnesota Symposia on Child Development*, 7, pp. 3-46, Minnesota: Univ. of Minnesota Press.
- Baumrind, D. (1997). The discipline encounter: Contemporary issues. *Aggression and Violent Behavior*, 2, 321-335.
- Bateson, G. (1972). *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantine.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Society for Research in Child Development*, 55, 83-96.
- Belsky, Y. (1990). Children in marriage. In F. D. Fincham e T. N. Bradubury (eds), *The Psychology of Marriage* (172-200). London, The Guilford Press.

- Blake, J. (1989). *Family Size and Achievement*. Berkeley: University of California Press.
- Block, J., Block, J. & Morrison, A. (1981). Parental agreement-disagreement on child rearing orientations and gender-related personality correlates in children. *Child Development*, 52: 965-974.
- Brody, G. H., Pillegrini, A. D. & Sigel, J. E. (1986). Marital quality and mother-child and father-child interactions with school-aged children. *Developmental Psychology*, 22, 291-296.
- Buehler, C., & Gerard, J. M. (2002). Marital conflict, ineffective parenting, and children's and adolescents' maladjustment. *Journal of Marriage and the Family*, 64, 78-92.
- Carapito, Pedro & Ribeiro (2008). Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP): Adaptação para o contexto português. Actas da XIII Conferência Internacional "Avaliação Psicológica: Formas e Contextos", Universidade do Minho.
- Conrade, G. & Ho, R. (2001). Differential parenting styles for fathers and mothers: Differential treatment for sons and daughters. *Australian Journal of Psychology*, 53(1): 29-35.
- Cowan, P., Powell, D., & Cowan, C. (1998). Parenting interventions: A family systems perspective. In W. Damon, I. Sigel, & A. Renninger (Eds.), *Handbook of child psychology: child psychology in practice* (Vol. 4, pp. 3-72). New York: John Wiley & Sons.
- Cruz, O. (2005) Parentalidade. Lisboa. Quarteto.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin* 113, 487-496.
- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118, 108-132.
- Gordon, L. (2000). Linking gender differences in parenting to a typology of family parenting styles and adolescent development outcomes. *Dissertations Abstracts International, Section*, 60, 41-96.
- Grigorenko, E. L. & Sternberg, R. J. (2000). Elucidating the etiology and nature of beliefs about parenting styles. *Developmental Science*, 3(1): 93-112.

- Harvey, E. A. (2000). Parenting similarity and children with attention-deficit/hyperactivity disorder. *Child & Family Behavior Therapy*, 22, 39–54.
- Hein, C. & Lewko, J. H. (1994). Gender differences in factors related to parenting style: a study for high performing science students. *Journal of Adolescence Research*, 9(2): 262-281.
- Hetherington, E. M., Cox, M. & Cox, R. (1982). Effects of divorce on parents and children. In M. Lamb (Ed), *Nontraditional families* (pp. 233-288). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hetherington, E. M., Stanley-Hagan, M. & Anderson, E. R. (1989) Marital transitions: A child's perspective. *American Psychologist*, 44(2), 303-312.
- Hetherington, E. M. (1993). An overview of the Virginia Longitudinal Study of Divorce and Remarriage with a focus on the early adolescent. *Journal of Family Psychology*, 7, 39-56.
- Hoff, E., Laursen, B., & Tardif, T. (2002). Socioeconomic status and parenting. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Biology and ecology of parenting* (Vol. 2, pp. 231-252). Lawrence Erlbaum Associates.
- Hoffman, M. (1994). Discipline and Internalization. *Developmental Psychology*, 30, 26-28.
- Horn, W. F. (2006). Fatherhood, Cohabitation and Marriage. *Gender Issues*, Fall: 22-35.
- Keller, J. (2008). On the development of regulatory focus: The role of parenting styles. *European Journal of Social Psychology*, 38, 354-364.
- Kidwell, J. S. (1981). Number of siblings, sibling spacing, sex, and birth order: their effects on perceived parent-adolescent relationships. *Journal of Marriages and the Family*, 43(2), 315-322.
- Lazar, A., Guttman, J., and Abas, L. (2009). Parental authority in divorced families. *Journal of Divorce and Remarriage*, 50(5), 356-368.
- Lila, F. (2009). *Auto-estima e percepção das práticas parentais na fase inicial da adolescência*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicado, Universidade de Lisboa, Lisboa.

- Lindsey, E. W. & Mize, J. (2001). Interparental agreement, parent-child responsiveness, and children's peer competence. *Family Relations: Journal of Applied Family & Child Studies*, 50: 348-354.
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: A link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15, 3–21.
- Maccoby, E. E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In Hetherington, E. M. (Ed) & Mussen, P. H. (Series Ed.), *Handbook of child psychology, Vol. 4: Socialization, personality and social development* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Martínez, I., & García, J. (2008). Internalization of values and self-esteem among brazilian teenagers from authoritative, indulgent, authoritarian, and neglectful homes. *Adolescence*, 43, 13-29.
- Mills, R. S. L. & Rubin, K. H. (1990). Parental Beliefs about problematic social behaviors in early childhood. *Child development*, 50, 815-820.
- Pereira, A. I. (2007). *Crescer em Relação: Estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento*. Dissertação de Doutoramento apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Pereira, A. I. (2009). *Crescer em relação: estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Polit, D. F. & Falbo, T. (1987). Only Children and Personality Development: A Quantitative Review. *Journal of Marriage and the Family* 49:309–325.
- Relvas, A. (2003). *Por Detrás do Espelho. Da Teoria à Terapia com a Família*. Coimbra: Quarteto.
- Relvas, A. P. & Alarcão, M. (2002) (coord.). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.

- Robinson, C. C., Mandleco, B. Olsen, S. F., Hart, C. H. (1995). Authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices: Development of a new measure. *Psychological Reports*, 77, 819-830.
- Robinson, C., Hart, C. H., Mandleco, B. & Olsen, S. F. (1996). *Authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices: Cross-cultural connections*. Paper presented at the 14th Biennial Conference of the International Society for the Study of Behavioral Development, August, 12-16. Quebec City, Canada.
- Rodríguez, M., Donovanick, M., & Crowley, S. (2009). Parenting styles in a cultural context: Observations of protective parenting in first-generation latinos. *Family Process*, 48, 195-210.
- Rohner, R. P. (2004). The Parental "Acceptance-Rejection Syndrome": Universal correlates of perceived rejection. *American Psychologist*, pp. 830-840.
- Roskam, I. & Meunier, J. (2009). How do parenting concepts vary within and between families. *European Journal of Psychology of Education*. Vol. 14 (1): 33-47.
- Steinberg, L. (2005). Psychological control: style of substance? *New Directions for Child and Adolescent Development*, 180: 71-78.
- Vandenplas-Holper, C, Roskam, I., & Pirot, L. (2006). Mothers' social cognition and self-reported childrearing concerning their child's personality: A content analysis of mothers' free descriptions. *European Journal of Developmental Psychology*, 3(4), 338-356.
- Wallerstein, J. S. (1983). Children of divorce: Stress and developmental tasks. In N. Garmezy & M. Rutter (Eds.), *Stress, coping, and development in children* (pp. 265-302). New York: McGraw-Hill.
- Wallerstein, J. S., Corbin, S. B. & Lewis, J. M. (1988). Children of divorce: A 10-year study. In E. M. Hetherington & J. D. Arasteh (Eds), *Impact of divorce, single parenting, and stepparenting on children* (pp. 197-214). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Winsler, A., Madigan, A. L. & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20(1): 1-12.

ANEXOS

ANEXO I

Protocolo de Instruções

Participação na Investigação

Investigação sobre Parentalidade

Os questionários que se seguem inserem-se numa investigação sobre Parentalidade, no âmbito de um Mestrado Integrado em Psicologia, a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob orientação da Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro.

Nesta investigação, é necessário recolher dados através dos questionários que se seguem, sendo que estes irão permitir futuramente uma maior compreensão sobre as relações parentais. Daí que a sua colaboração seja extremamente importante.

Os questionários são anónimos e todos os dados aqui recolhidos são totalmente confidenciais. Os resultados não serão analisados individualmente, mas em termos gerais, conjuntamente com as respostas de outros participantes.

Os questionários que se seguem apresentam, no início, instruções de preenchimento, sendo muito importante que responda a todas as questões para que os dados possam ser correctamente analisados. Nestes questionários não há respostas certas ou erradas, sendo que o mais importante é mesmo a sua opinião e a sua experiência. O preenchimento do conjunto dos questionários leva cerca de 15-20 minutos, e recorde-se que deve ser preenchido individualmente.

Agradeço desde já a sua disponibilidade em participar neste estudo, sem o seu contributo seria impossível.

Muito Obrigada!

Maria Inês Gomes

ANEXO II

Questionário Sócio-Demográfico

Questionário Geral

É muito importante que leia atentamente e responda a todas as questões. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

Pai/Mãe		
1. Sexo Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/>	2. Idade _____	3. Estado Civil Casado <input type="checkbox"/> Tempo de Casamento: _____ Separado/Divorciado <input type="checkbox"/> Tempo de Divórcio/Separação: _____
4. Habilitações Literárias Ensino Primário (4 anos de escolaridade) <input type="checkbox"/> Ensino Básico (7 a 9 anos de escolaridade) <input type="checkbox"/> Ensino Secundário (10 a 12 anos de escolaridade) <input type="checkbox"/> Frequência Universitária <input type="checkbox"/> Ensino Superior <input type="checkbox"/>		
5. Situação Profissional 5.1 Desempregado <input type="checkbox"/> Empregado <input type="checkbox"/> 5.2 Profissão: _____		
6. Zona de Residência Actual _____		
7. Agregado Familiar (habita com) _____		
8. Número de Filhos _____ 8.1 Idades _____ 8.2 Sexo _____		
9. Situação Relacional Actual: Solteiro <input type="checkbox"/> Namoro <input type="checkbox"/> Casamento <input type="checkbox"/> União de Facto <input type="checkbox"/>		
10. Acompanhamento Psicológico ou Psiquiátrico: Nunca teve <input type="checkbox"/> Teve no passado <input type="checkbox"/> Tem actualmente <input type="checkbox"/>		
11. Religiosidade: Não crente <input type="checkbox"/> Crente não praticante <input type="checkbox"/> Crente praticante <input type="checkbox"/>		

ANEXO III

Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)

Autores: Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001

Versão Portuguesa: Elsa Carapito, Marta Pedro & M. Teresa Ribeiro, 2007

Versão Experimental

Instruções: Este questionário mede (1) *com que frequência e de que modo actua com o(a) seu(sua) filho(a)* _____ (nome) e (2) *com que frequência e de que modo o pai actua com o(a) seu(sua) filho(a)*. Se tiver mais do que um filho(a), responda, por favor, no geral.

Exemplo:

(1) Por favor, leia cada frase do questionário e pense com que frequência você actua deste modo com o(a) seu(sua) filho(a). Depois de escolher a sua resposta, deverá indicá-la com um círculo.

Nunca	Algumas Veze	Metade das Veze	Muitas Veze	Sempre
-------	-----------------	--------------------	----------------	--------

1. Deixo que o meu filho escolha a roupa que leva para a escola.

1 2 3 4 5

(2) Depois pense com que frequência o pai actua com o(a) vosso(a) filho(a). Depois de escolher a sua resposta, deverá indicá-la com um círculo.

Nunca	Algumas Veze	Metade das Veze	Muitas Veze	Sempre
-------	-----------------	--------------------	----------------	--------

1. Ele deixa que o nosso filho escolha a roupa que leva para a escola.

1 2 3 4 5

Lembre-se: Para cada frase, diga com que frequência actua desta maneira com o(a) seu(sua) filho(a).

		Nunca	Algumas Vezez	Metade das Vezez	Muitas Vezez	Sempre
1.	Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho.	1	2	3	4	5
2.	Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
3.	Tenho em conta os desejos do meu filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4.	Quando o meu filho pergunta por que tem de obedecer, digo-lhe: “porque eu disse” ou “porque sou tua mãe e quero que o faças”.	1	2	3	4	5
5.	Explico ao meu filho como me sinto quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
6.	Bato ao meu filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
7.	Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
8.	Acho difícil disciplinar o meu filho.	1	2	3	4	5
9.	Encorajo o meu filho a expressar-se livremente mesmo quando ele não concorda comigo.	1	2	3	4	5
10.	Castigo o meu filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
11.	Realço os motivos das regras.	1	2	3	4	5
12.	Conforto e sou compreensiva quando o meu filho está “em baixo”.	1	2	3	4	5
13.	Quando o meu filho se comporta mal falo alto ou grito.	1	2	3	4	5
14.	Elogio o meu filho quando ele se comporta bem.	1	2	3	4	5
15.	Eu cedo quando o meu filho faz birra.	1	2	3	4	5
16.	Tenho explosões de raiva com o meu filho.	1	2	3	4	5
17.	Ameaço o meu filho com castigos mais vezes do que o castigo efectivamente.	1	2	3	4	5
18.	Tenho em conta as preferências do meu filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
19.	Agarro o meu filho com força quando ele desobedece.	1	2	3	4	5
20.	Digo ao meu filho que o castigo e depois não cumpro.	1	2	3	4	5
21.	Mostro respeito pelas opiniões do meu filho, encorajando-o a expressá-las.	1	2	3	4	5
22.	Permito que o meu filho dê a sua opinião sobre as regras familiares.	1	2	3	4	5
23.	Repreendo e critico o meu filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
24.	Estrago o meu filho com mimos.	1	2	3	4	5
25.	Explico ao meu filho os motivos porque deve cumprir as regras.	1	2	3	4	5
26.	Uso ameaças como castigos dando poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
27.	Tenho momentos de grande afectividade e carinho com o meu filho.	1	2	3	4	5
28.	Castigo o meu filho deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações.	1	2	3	4	5
29.	Ajudo o meu filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas acções.	1	2	3	4	5
30.	Repreendo ou critico o meu filho quando ele não se comporta como nós esperamos.	1	2	3	4	5
31.	Explico as consequências do comportamento do meu filho.	1	2	3	4	5
32.	Dou uma bofetada ao meu filho quando ele se comporta mal.	1	2	3	4	5

Lembre-se: Para cada frase, diga com que frequência o pai do seu filho actua desta maneira com o(a) vosso(a) filho(a).

		Nunca	Algumas Veze	Metade das Vezes	Muitas Veze	Sempre
1.	Ele é sensível às necessidades e sentimentos do nosso filho.	1	2	3	4	5
2.	Ele castiga fisicamente o nosso filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
3.	Ele tem em conta os desejos do nosso filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4.	Quando o meu filho pergunta por que tem de obedecer, ele diz-lhe: “porque eu disse” ou “porque sou teu pai e quero que o faças”.	1	2	3	4	5
5.	Ele explica ao nosso filho como se sente quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
6.	Ele bate ao nosso filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
7.	Ele encoraja o nosso filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
8.	Ele acha difícil disciplinar o nosso filho.	1	2	3	4	5
9.	Ele encoraja o nosso filho a expressar-se livremente mesmo quando este não concorda com ele.	1	2	3	4	5
10.	Ele castiga o nosso filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
11.	Ele realça os motivos das regras.	1	2	3	4	5
12.	Ele conforta e é compreensivo quando o nosso filho está “em baixo”.	1	2	3	4	5
13.	Quando o nosso filho se comporta mal ele fala alto ou grita.	1	2	3	4	5
14.	Ele elogia o nosso filho quando este se comporta bem.	1	2	3	4	5
15.	Ele cede quando o nosso filho faz birra.	1	2	3	4	5
16.	Ele tem explosões de raiva com o nosso filho.	1	2	3	4	5
17.	Ele ameaça o nosso filho com castigos mais vezes do que o castiga efectivamente.	1	2	3	4	5
18.	Ele tem em conta as preferências do nosso filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
19.	Ele agarra o nosso filho com força quando este desobedece.	1	2	3	4	5
20.	Ele diz ao nosso filho que o castiga e depois não cumpre.	1	2	3	4	5
21.	Ele mostra respeito pelas opiniões do nosso filho, encorajando-o a expressá-las.	1	2	3	4	5
22.	Ele permite que o nosso filho dê a sua opinião sobre as regras familiares.	1	2	3	4	5
23.	Ele repreende e critica o nosso filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
24.	Ele estraga o nosso filho com mimos.	1	2	3	4	5
25.	Ele explica ao nosso filho os motivos porque deve cumprir as regras.	1	2	3	4	5
26.	Ele usa ameaças como castigos dando poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
27.	Ele tem momentos de grande afectividade e carinho com o nosso filho.	1	2	3	4	5
28.	Ele castiga o nosso filho deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações.	1	2	3	4	5
29.	Ele ajuda o nosso filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas acções.	1	2	3	4	5
30.	Ele repreende ou critica o nosso filho quando este não se comporta como nós esperamos.	1	2	3	4	5
31.	Ele explica as consequências do comportamento do nosso filho.	1	2	3	4	5
32.	Ele dá uma bofetada ao nosso filho quando este se comporta mal.	1	2	3	4	5

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)

Autores: Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001

Versão Portuguesa: Marta Pedro, Elsa Carapito & M. Teresa Ribeiro, 2007

Versão Experimental

Instruções: Este questionário mede (1) *com que frequência e de que modo* actua com o(a) seu(sua) filho(a) _____ (nome) e (2) *com que frequência e de que modo* a mãe actua com o(a) seu(sua) filho(a). Se tiver mais do que um filho(a), responda, por favor, no geral.

Exemplo:

(1) Por favor, leia cada frase do questionário e pense com que frequência você actua deste modo com o(a) seu(sua) filho(a). Depois de escolher a sua resposta, deverá indicá-la com um círculo.

Nunca	Algumas Veze	Metade das Veze	Muitas Veze	Sempre
-------	-----------------	--------------------	----------------	--------

1. Deixo que o meu filho escolha a roupa que leva para a escola. 1 2 3 4 5

(2) Depois pense com que frequência a mãe actua com o(a) seu(sua) filho(a). Depois de escolher a sua resposta, deverá indicá-la com um círculo.

Nunca	Algumas Veze	Metade das Veze	Muitas Veze	Sempre
-------	-----------------	--------------------	----------------	--------

1. Ela deixa que o nosso filho escolha a roupa que leva para a escola. 1 2 3 4 5

Lembre-se: Para cada frase, diga com que frequência actua desta maneira com o(a) seu(sua) filho(a).

		Nunca	Algumas Veze	Metade das Veze	Muitas Veze	Sempre
1.	Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho.	1	2	3	4	5
2.	Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
3.	Tenho em conta os desejos do meu filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4.	Quando o meu filho pergunta por que tem de obedecer, digo-lhe: “porque eu disse” ou “porque sou teu pai e quero que o faças”.	1	2	3	4	5
5.	Explico ao meu filho como me sinto quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
6.	Bato ao meu filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
7.	Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
8.	Acho difícil disciplinar o meu filho.	1	2	3	4	5
9.	Encorajo o meu filho a expressar-se livremente mesmo quando ele não concorda comigo.	1	2	3	4	5
10.	Castigo o meu filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
11.	Realço os motivos das regras.	1	2	3	4	5
12.	Conforto e sou compreensivo quando o meu filho está “em baixo”.	1	2	3	4	5
13.	Quando o meu filho se comporta mal falo alto ou grito.	1	2	3	4	5
14.	Elogio o meu filho quando ele se comporta bem.	1	2	3	4	5
15.	Eu cedo quando o meu filho faz birra.	1	2	3	4	5
16.	Tenho explosões de raiva com o meu filho.	1	2	3	4	5
17.	Ameaço o meu filho com castigos mais vezes do que o castigo efectivamente.	1	2	3	4	5
18.	Tenho em conta as preferências do meu filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
19.	Agarro o meu filho com força quando ele desobedece.	1	2	3	4	5
20.	Digo ao meu filho que o castigo e depois não cumpro.	1	2	3	4	5
21.	Mostro respeito pelas opiniões do meu filho, encorajando-o a expressá-las.	1	2	3	4	5
22.	Permito que o meu filho dê a sua opinião sobre as regras familiares.	1	2	3	4	5
23.	Repreendo e critico o meu filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
24.	Estrago o meu filho com mimos.	1	2	3	4	5
25.	Explico ao meu filho os motivos porque deve cumprir as regras.	1	2	3	4	5
26.	Uso ameaças como castigos dando poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
27.	Tenho momentos de grande afectividade e carinho com o meu filho.	1	2	3	4	5
28.	Castigo o meu filho deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações.	1	2	3	4	5
29.	Ajudo o meu filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas acções.	1	2	3	4	5
30.	Repreendo ou critico o meu filho quando ele não se comporta como nós esperamos.	1	2	3	4	5
31.	Explico as consequências do comportamento do meu filho.	1	2	3	4	5
32.	Dou uma bofetada ao meu filho quando ele se comporta mal.	1	2	3	4	5

Lembre-se: Para cada frase, diga com que frequência a mãe do seu filho actua desta maneira com o(a) vosso(a) filho(a).

		Nunca	Algumas Veze	Metade das Vezes	Muitas Veze	Sempre
1.	Ela é sensível às necessidades e sentimentos do nosso filho.	1	2	3	4	5
2.	Ela castiga fisicamente o nosso filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
3.	Ela tem em conta os desejos do nosso filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4.	Quando o meu filho pergunta por que tem de obedecer, ela diz-lhe: “porque eu disse” ou “porque sou tua mãe e quero que o faças”.	1	2	3	4	5
5.	Ela explica ao nosso filho como se sente quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
6.	Ela bate ao nosso filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
7.	Ela encoraja o nosso filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
8.	Ela acha difícil disciplinar o nosso filho.	1	2	3	4	5
9.	Ela encoraja o nosso filho a expressar-se livremente mesmo quando este não concorda com ela.	1	2	3	4	5
10.	Ela castiga o nosso filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
11.	Ela realça os motivos das regras.	1	2	3	4	5
12.	Ela conforta e é compreensiva quando o nosso filho está “em baixo”.	1	2	3	4	5
13.	Quando o nosso filho se comporta mal ela fala alto ou grita.	1	2	3	4	5
14.	Ela elogia o nosso filho quando este se comporta bem.	1	2	3	4	5
15.	Ela cede quando o nosso filho faz birra.	1	2	3	4	5
16.	Ela tem explosões de raiva com o nosso filho.	1	2	3	4	5
17.	Ela ameaça o nosso filho com castigos mais vezes do que o castiga efectivamente.	1	2	3	4	5
18.	Ela tem em conta as preferências do nosso filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
19.	Ela agarra o nosso filho com força quando este desobedece.	1	2	3	4	5
20.	Ela diz ao nosso filho que o castiga e depois não cumpre.	1	2	3	4	5
21.	Ela mostra respeito pelas opiniões do nosso filho, encorajando-o a expressá-las.	1	2	3	4	5
22.	Ela permite que o nosso filho dê a sua opinião sobre as regras familiares.	1	2	3	4	5
23.	Ela repreende e critica o nosso filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
24.	Ela estraga o nosso filho com mimos.	1	2	3	4	5
25.	Ela explica ao nosso filho os motivos porque deve cumprir as regras.	1	2	3	4	5
26.	Ela usa ameaças como castigos dando poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
27.	Ela tem momentos de grande afectividade e carinho com o nosso filho.	1	2	3	4	5
28.	Ela castiga o nosso filho deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações.	1	2	3	4	5
29.	Ela ajuda o nosso filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas acções.	1	2	3	4	5
30.	Ela repreende ou critica o nosso filho quando este não se comporta como nós esperamos.	1	2	3	4	5
31.	Ela explica as consequências do comportamento do nosso filho.	1	2	3	4	5
32.	Ela dá uma bofetada ao nosso filho quando este se comporta mal.	1	2	3	4	5

ANEXO III

Análise da Normalidade das Variáveis em Estudo

1) Estudo da Normalidade: Estilos Parentais e SEXO (N=60)

1.1) Estilo Parental Outro Autoritário

a) Análise da Simetria e da Kurtose

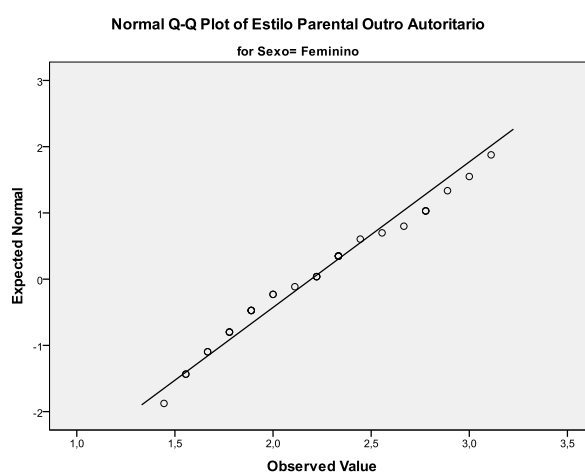
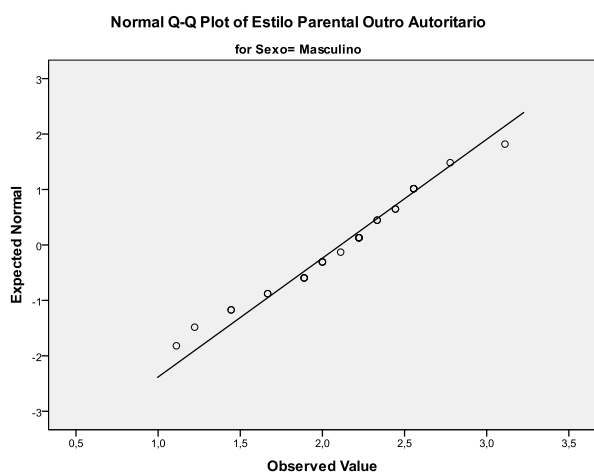
Descriptives					
1.Sexo			Statistic	Std. Error	
Estilo Parental Outro Autoritário	Masculino	Mean	2,1111	,08817	
		Skewness	-,297	,441	
		Kurtosis	,043	,858	
	Feminino	Mean	2,1944	,08045	
		Skewness	,300	,414	
		Kurtosis	-,837	,809	

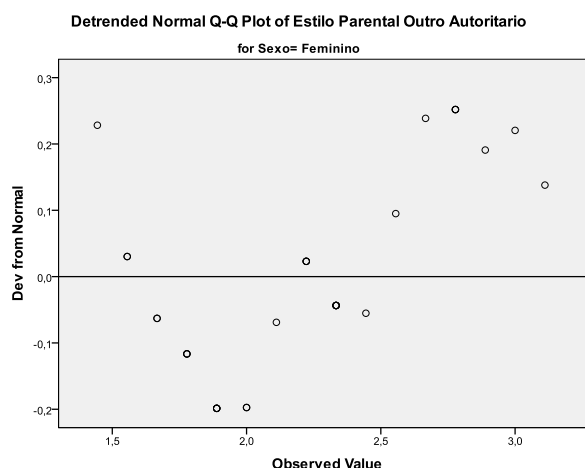
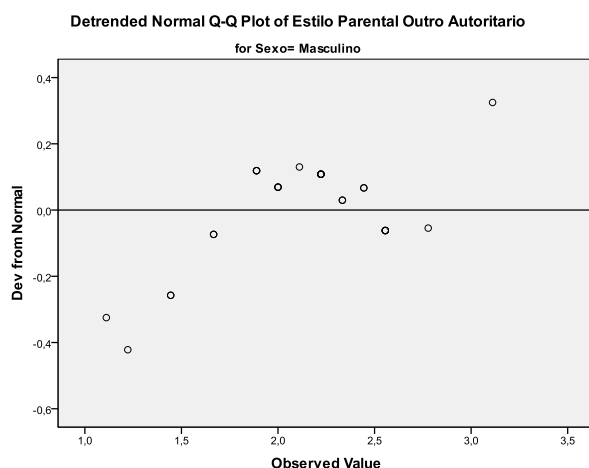
b) Análise do Teste Estatístico de Normalidade

Tests of Normality							
1.Sexo		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Estilo Parental Outro	Masculino	,130	28	,200[*]	,974	28	,688
Autoritario	Feminino	,124	32	,200[*]	,961	32	,297

a. Lilliefors Significance Correction / *. This is a lower bound of the true significance.

c) Análise dos *Q-Q plots*





2) Estudo da Normalidade: Estilos Parentais e ESTADO CIVIL (N=60)

2.1) Estilo Parental Próprio Autoritativo

a) Análise da Simetria e da Kurtose

Descriptives

7.Estado Civil			Statistic	Std. Error
Estilo Parental Proprio Autoritativo	Casado	Mean	4,2311	,08587
		Skewness	-,121	,427
		Kurtosis	-,911	,833
	Divorciado / Separado	Mean	4,2911	,07641
		Skewness	-,353	,427
		Kurtosis	-,800	,833

b) Análise do Teste Estatístico de Normalidade

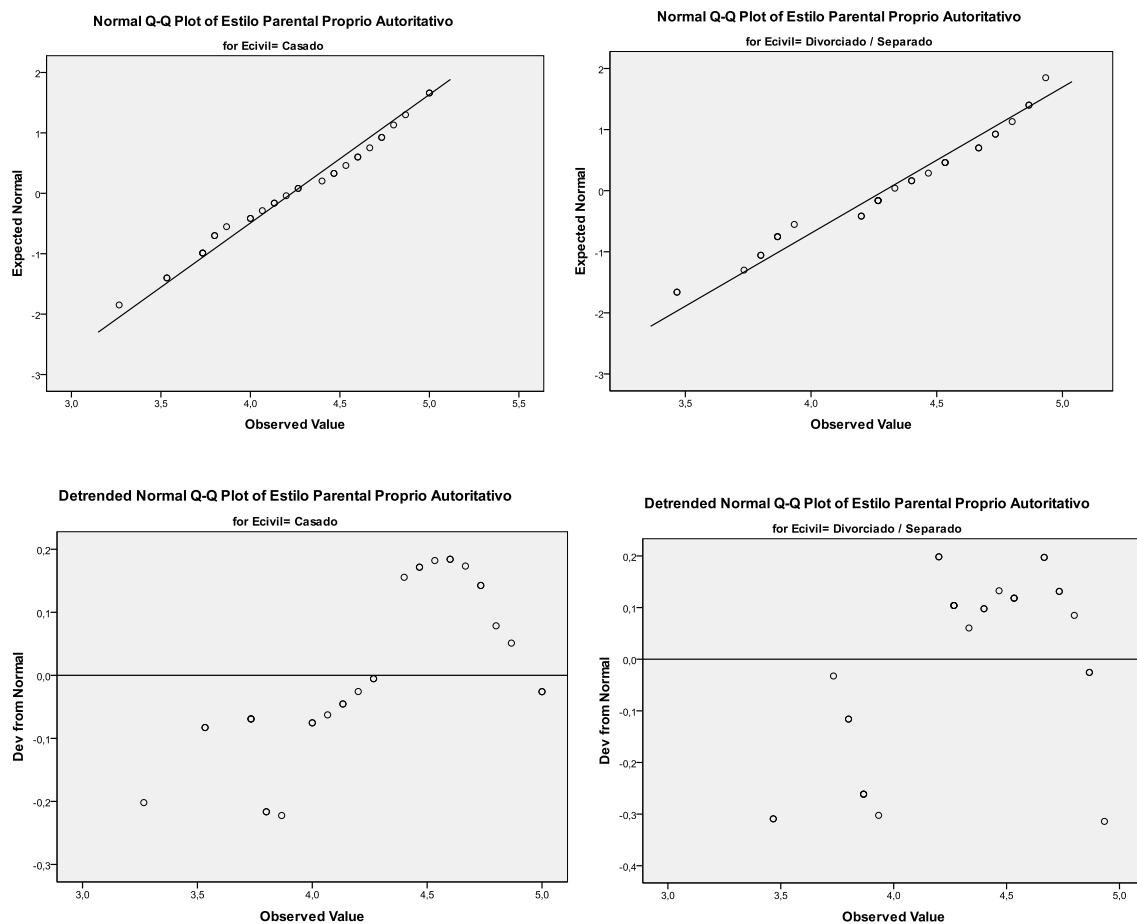
Tests of Normality

7.Estado Civil		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Estilo Parental Proprio Autoritativo	Casado	,092	30	,200*	,970	30	,531
	Divorciado / Separado	,114	30	,200*	,951	30	,179

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

c) Análise dos *Q-Q* plots



2.2) Estilo Parental Outro Autoritário

a) Análise da Simetria e da Kurtose

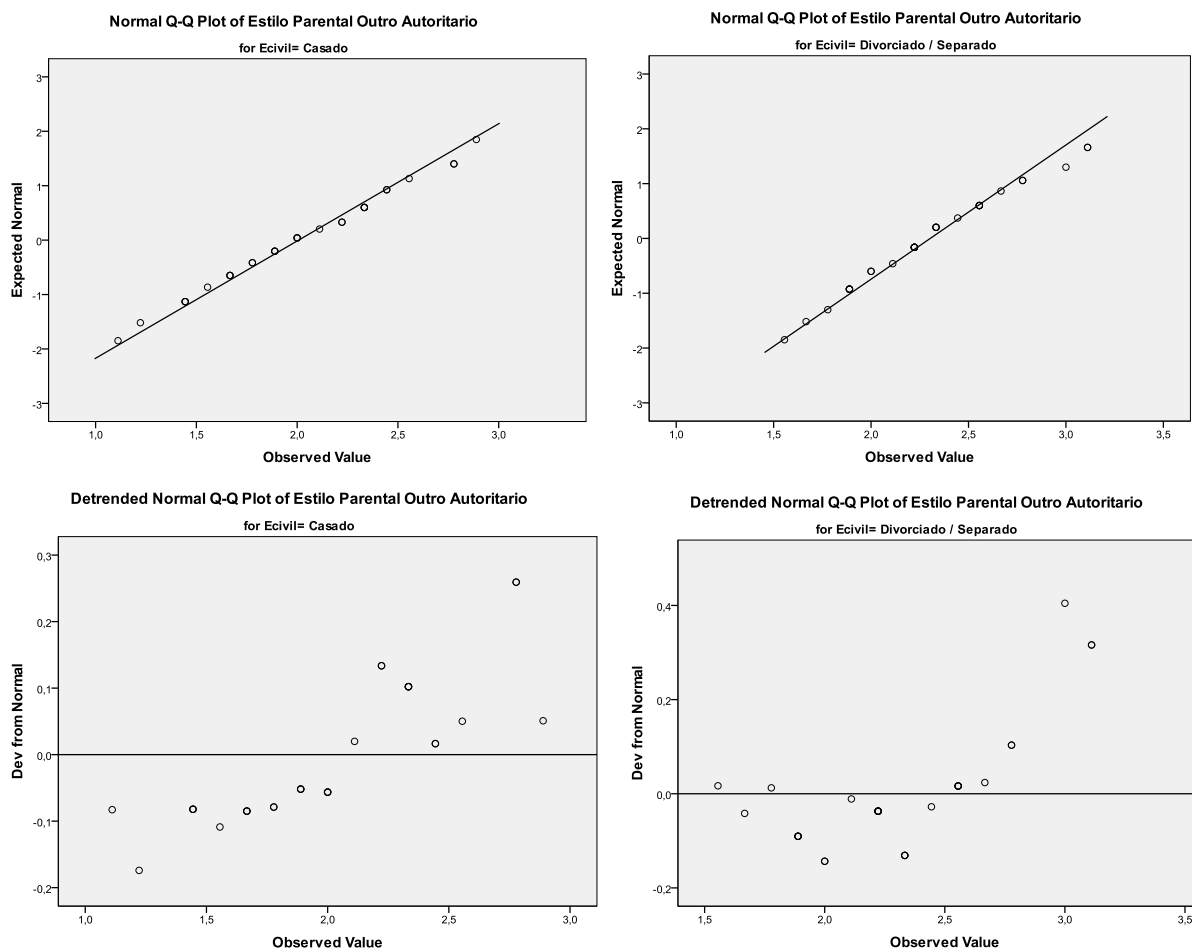
Descriptives				Statistic	Std. Error
7.Estado Civil					
Estilo Parental Outro Autoritario	Casado	Mean		2,0074	,08473
		Skewness		,041	,427
		Kurtosis		-,652	,833
	Divorciado / Separado	Mean		2,3037	,07457
		Skewness		,295	,427
		Kurtosis		-,424	,833

b) Análise do Teste Estatístico de Normalidade

Tests of Normality						
7.Estado Civil				Kolmogorov-Smirnov ^a		
				Statistic	df	Sig.
Estilo Parental Outro Autoritario	Casado			,092	30	,200*
	Divorciado / Separado			,112	30	,200*

a. Lilliefors Significance Correction / *. This is a lower bound of the true significance.

c) Análise dos *Q-Q* plots



2.3) Estilo Parental Outro Permissivo

a) Análise da Simetria e da Kurtose

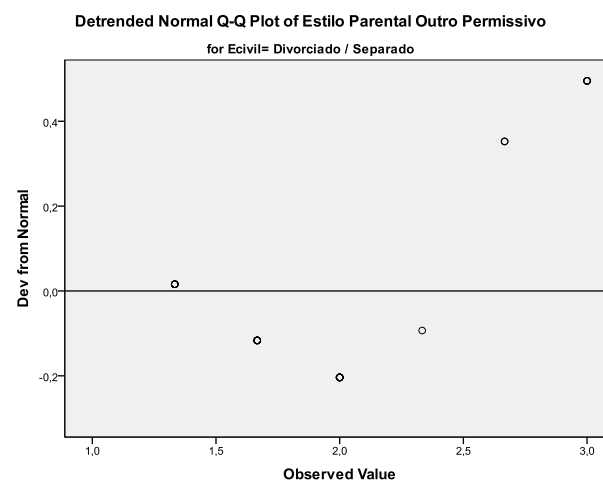
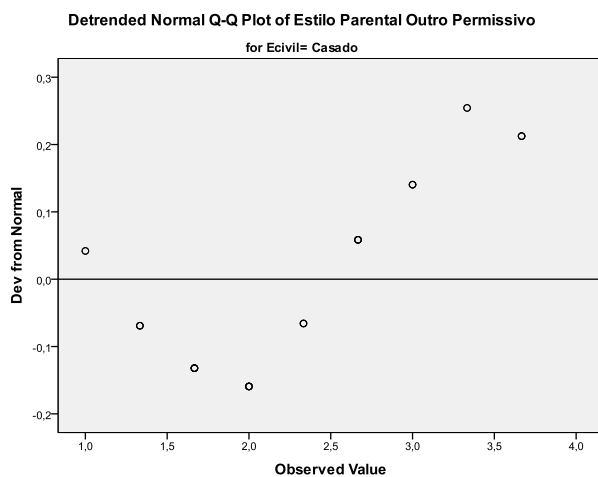
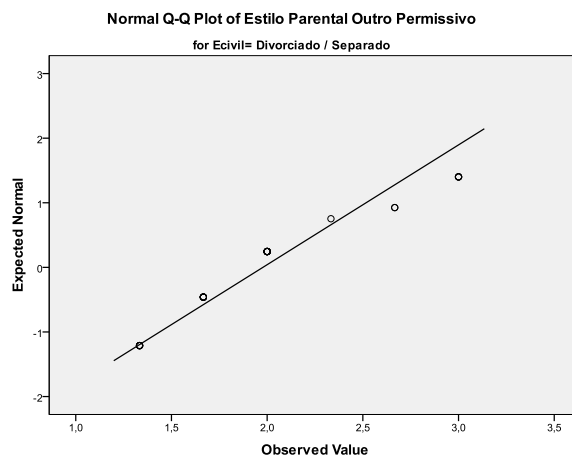
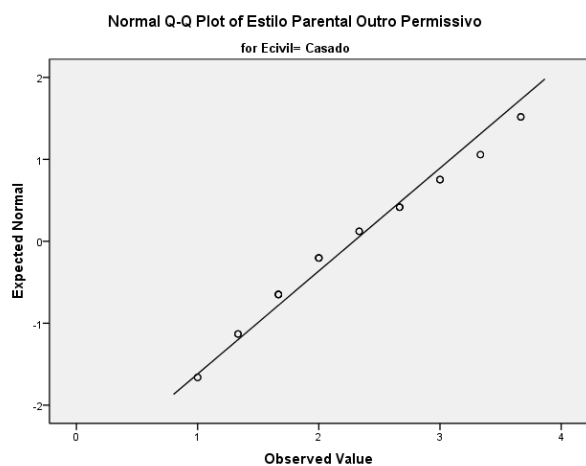
Descriptives				
7.Estado Civil			Statistic	Std. Error
Estilo Parental Outro Permissivo	Casado	Mean	2,2889	,14537
		Skewness	,234	,427
		Kurtosis	-,926	,833
	Divorciado / Separado	Mean	1,9778	,09843
		Skewness	,744	,427
		Kurtosis	-,358	,833

b) Análise do Teste Estatístico de Normalidade

Tests of Normality						
7.Estado Civil		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk	
		Statistic	df	Sig.	Statistic	Sig.
Estilo Parental Outro Permissivo	Casado	,142	30	,128	,949	,163
	Divorciado / Separado	,250	30	,000	,864	,001

a. Lilliefors Significance Correction

c) Análise dos *Q-Q* plots



3) Estudo da Normalidade: Estilos Parentais de Pais Casados e SEXO (N=30)

3.1) Estilo Parental Próprio Autoritativo

a) Análise da Simetria e da Kurtose

Descriptives					
1.Sexo			Statistic	Std. Error	
Estilo Parental Proprio Autoritativo	Masculino	Mean	4,0714	,12800	
		Skewness	,375	,597	
		Kurtosis	-,220	1,154	
	Feminino	Mean	4,3708	,10732	
		Skewness	-,498	,564	
		Kurtosis	-,688	1,091	

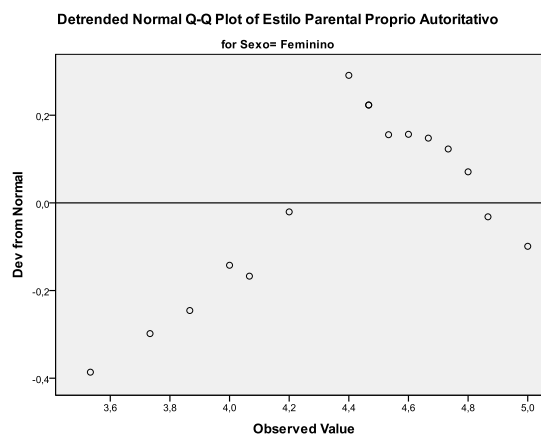
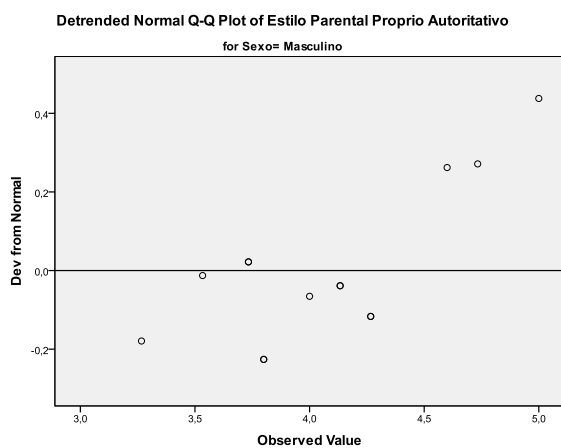
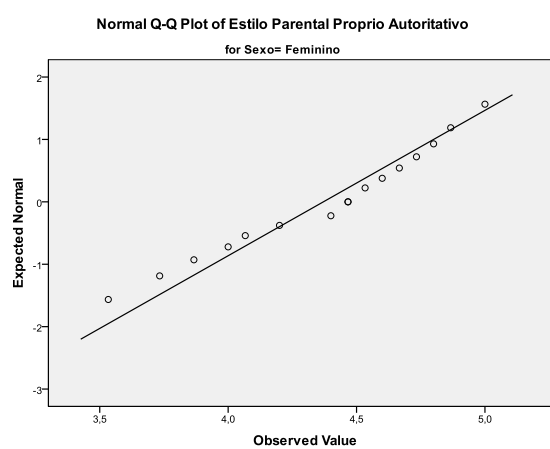
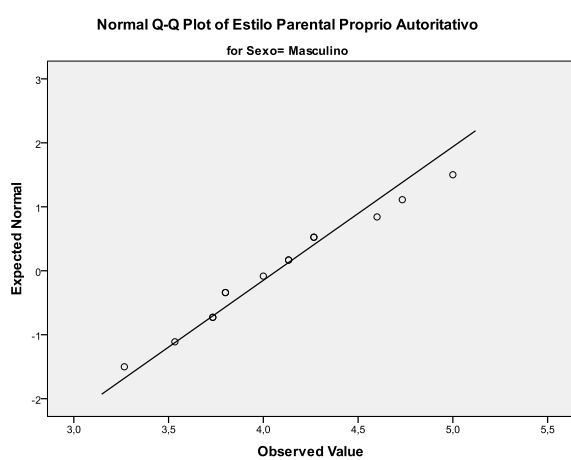
b) Análise do Teste Estatístico de Normalidade

		Tests of Normality					
1.Sexo		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Estilo Parental Proprio	Masculino	,143	14	,200 [*]	,972	14	,908
Autoritativo	Feminino	,152	16	,200 [*]	,957	16	,617

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

c) Análise dos *Q-Q plots*



3.2) Estilo Parental Outro Permissivo

a) Análise da Simetria e da Kurtose

Descriptives

1.Sexo			Statistic	Std. Error
Estilo Parental Outro Permissivo	Masculino	Mean	2,4524	,21712
		Skewness	,109	,597
		Kurtosis	-1,279	1,154
	Feminino	Mean	2,1458	,19477
		Skewness	,359	,564
		Kurtosis	-,446	1,091

b) Análise do Teste Estatístico de Normalidade

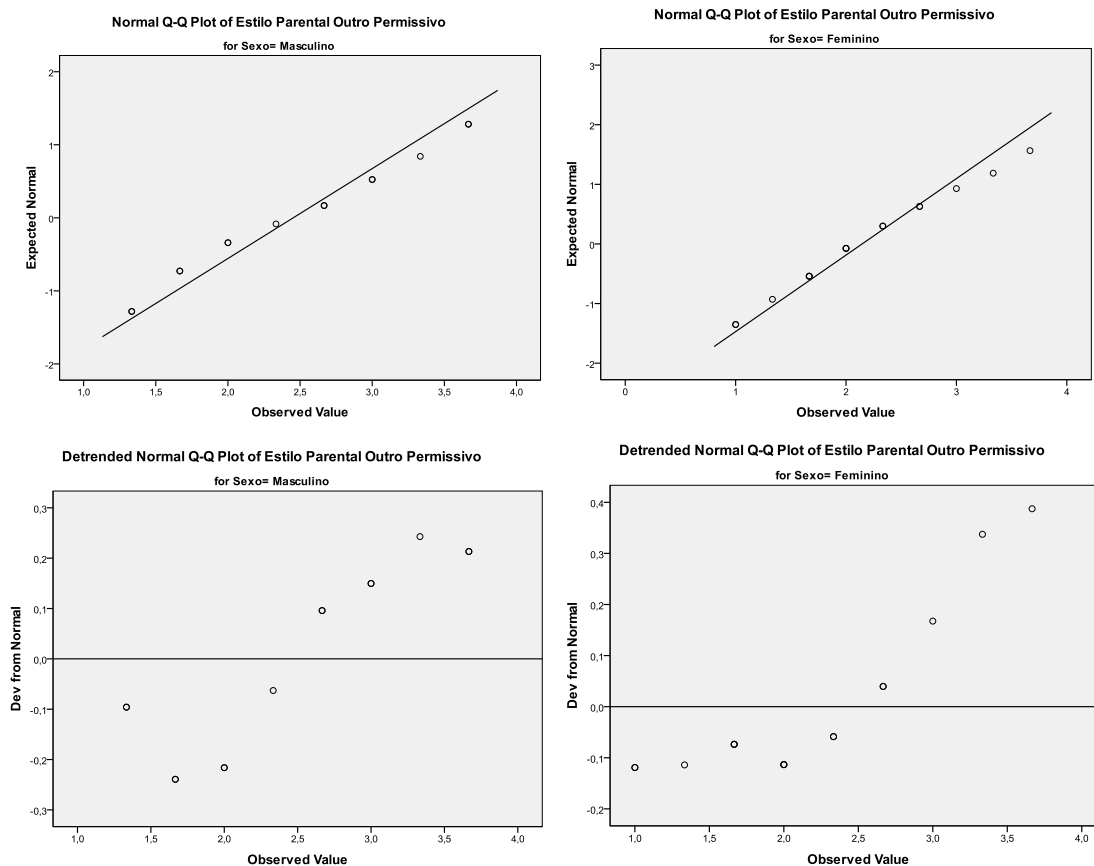
Tests of Normality

1.Sexo		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Estilo Parental Outro Permissivo	Masculino	,140	14	,200 [*]	,934	14	,343
	Feminino	,137	16	,200 [*]	,963	16	,725

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

c) Análise dos *Q-Q plots*



3.3) Estilo Parental Outro Autoritário

a) Análise da Simetria e da Kurtose

Descriptives				Statistic	Std. Error
1.Sexo					
Estilo Parental Outro Autoritário	Masculino	Mean		1,9048	,13526
		Skewness		,086	,597
		Kurtosis		-,902	1,154
	Feminino	Mean		2,0972	,10486
		Skewness		,315	,564
		Kurtosis		-,615	1,091

b) Análise do Teste Estatístico de Normalidade

Tests of Normality						
1.Sexo		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk	
		Statistic	df	Sig.	Statistic	Sig.
Estilo Parental Outro Autoritário	Masculino	,110	14	,200 [*]	,972	,908
	Feminino	,151	16	,200 [*]	,958	,627

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

c) Análise dos *Q-Q plots*

